

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PRÓ REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

**PROJETO PEDAGÓGICO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA (PPGHIST) – MESTRADO**

**Goiânia, 30 de maio de 2018.**

**GRÃO-CHANCELER**

Dom Washington Cruz, CP

**REITOR**

Prof. Wolmir Therezio Amado

**VICE-REITORA**

Prof<sup>ª</sup>. Olga Izilda Ronchi

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

Prof<sup>ª</sup>. Sônia Margarida Gomes Souza

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Prof<sup>ª</sup>. Milca Severino Pereira

**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E APOIO ESTUDANTIL**

Prof<sup>ª</sup>. Márcia de Alencar Santana

**PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL**

Prof<sup>ª</sup>. Helenisa Maria Gomes de Oliveira Neto

**PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO**

Prof. Daniel Rodrigues Barbosa

**PRÓ-REITORIA DE COMUNICAÇÃO**

Prof. Eduardo Rodrigues da Silva

**PRÓ-REITORIA DE SAÚDE**

Prof. José Antonio Lôbo

**CHEFE DE GABINETE**

Prof. Lorenzo Lago

**DIRETOR DA ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

Prof. Romílson Martins Siqueira

**DOCENTES PERMANENTES DO PPGHIST**

Prof. Eduardo Gusmão de Quadros (vice-coordenador)

Prof. Eduardo Sugizaki

Prof<sup>ª</sup>. Ivoni Richter Reimer

Prof. Júlio Cezar Rubin de Rubin

Prof<sup>ª</sup>. Maria do Espírito Santo R. Cavalcante

Prof<sup>ª</sup>. Marlene Castro Ossami de Moura

Prof<sup>ª</sup>. Renata Cristina de S. Nascimento

Prof<sup>ª</sup>. Sibeli Aparecida Viana

Prof<sup>ª</sup>. Thais Alves Marinho (coordenadora)

**DOCENTES COLABORADORES DO PPGHIST**

Prof<sup>ª</sup>. Maria Cristina Nunes Ferreitra Neto

Prof<sup>ª</sup>. Deusa M. Rodrigues Boaventura

## Sumário

APRESENTAÇÃO.....	4
OBJETIVOS.....	8
Objetivo Geral .....	8
Objetivos Específicos.....	8
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA E PODER.....	9
LINHAS DE PESQUISA .....	14
Poder e Representações.....	14
Patrimônio Cultural e Território.....	17
Educação Histórica e Diversidade Cultural.....	24
QUADRO DOCENTE .....	30
ESTRUTURA CURRICULAR.....	31
Disciplinas Optativas .....	32
Disciplinas Obrigatórias.....	48
ESTRUTURA FÍSICA .....	53
PARCERIAS, COOPERAÇÃO, PROJETOS E MOBILIDADE DOCENTE .....	56
REFERÊNCIAS DE INTERCÂMBIO - 2013 - 2016 – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGHIST) .....	57
INTEGRAÇÃO COM A GRADUAÇÃO.....	59
GRUPOS DE ESTUDOS.....	60
GRUPOS DE PESQUISA.....	61
PROJETOS DE PESQUISA.....	62
INTEGRAÇÃO COM A SOCIEDADE .....	66
SOLIDARIEDADE, NUCLEAÇÃO E VISIBILIDADE.....	67
REVISTA MOSAICO .....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	71

## APRESENTAÇÃO

O presente projeto insere-se no contexto histórico da PUC Goiás que tem por compromisso a qualificação por meio da excelência acadêmica, para fornecer e consolidar os grupos e linhas de pesquisa, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento regional e nacional.

Em 2007 o Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em História deu o primeiro passo nessa direção. Sua criação ocorreu no contexto ainda do Departamento de História, Geografia, Ciências Sociais e Relações Internacionais (HGSR), após 58 anos de existência do curso de História e uma experiência de 18 anos da pós-graduação *lato sensu*, além de mais de uma década de atuação em pesquisas do CPHGS (Centro de Pesquisa em História, Geografia, Ciências Sociais). Formou-se no HGSR uma equipe de professores pesquisadores experientes, com atuação em diversos níveis acadêmicos: congressos internacionais e nacionais, participação em consultoria de projetos e revistas de história de circulação nacional, orientações científicas em trabalhos de final de curso de graduação e pós-graduação, orientações de alunos em bolsas de PIBIC/CNPq e atuação em bancas de mestrados, além da participação em projetos de pesquisa individuais e coletivos.

A qualificação e o amadurecimento da equipe possibilitaram a elaboração do Projeto de Pós-Graduação em história, nível Mestrado, da PUC Goiás. Autorizado pela CAPES para funcionamento em 2007, o curso foi aprovado pelo Ato Próprio Normativo N.03/06, da PROPE (Pró- Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa da PUC Goiás) e homologado pelo CNE, com a portaria MEC 1.140 DOU de 10/09/2008 e Parecer CES/CNE 33/2008, 10/09/2008.

Atualmente, o Programa de Pós-Graduação em História pertence à Escola de Formação de Professores e Humanidades. O Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, visa fornecer condições de aprimoramento da capacitação profissional no campo da história, tendo em vista a formação de professores e pesquisadores. De forma específica, o Programa de Pós-Graduação em História objetiva formar profissionais qualificados para atuarem no ensino superior, bem como em instituições ligadas à pesquisa e à preservação da memória, tanto públicas, quanto privadas.

O Programa tem como Área de Concentração o campo da **Cultura e Poder**. A definição da área de concentração do Programa, bem como de suas linhas de pesquisa, relacionou-se com a trajetória trilhada na experiência da pós-graduação bem como o desenvolvimento dos grupos de pesquisa, ligados às temáticas da cultura e do poder.

A pós-graduação em história, em nível de especialização, na PUC Goiás, nasceu em 1988, com a oferta do curso “História do Brasil Contemporâneo” e duas turmas criadas: uma em 1988 e outra em 1990. Em 1995 foi ofertado o primeiro curso de “História Cultural”, que se desdobrou em três turmas. O primeiro, denominado, “Cultura, Memória e Linguagem” funcionou em 1988 e 1989. O segundo curso, “Estudos Regionais” foi ministrado em 1999. Em 2002, ainda houve a experiência no curso “História do Brasil Republicano”. Tal experiência concedeu ao Departamento de História a competência para propor, em 2004, a criação da Especialização em formação de professores com o curso de História Cultural e Educação.

Essa proposta se justificava, pois nasceu das pesquisas neste campo de estudo desenvolvidas pelos professores e alunos de graduação do curso de História e, foi pensada tendo como referência a produção do conhecimento científico e a riqueza das fontes documentais existentes no CPHGS (Centro de Pesquisa em História, Geografia, Ciências Sociais); no Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC); bem como os vários outros centros de pesquisa e arquivos existentes em Goiânia e entorno, que constituem uma estrutura de apoio aos projetos de pesquisa na área.

A experiência no ensino e pesquisa em história aglutinou equipes em torno das discussões da cultura e foi por meio de suas indagações e produção de trabalhos que houve mobilização frequente de pesquisadores e alunos, estimulados pelas oportunidades de pesquisa e formação continuada. Ao mesmo tempo, a necessidade de produzir conhecimento sobre a história regional e qualificar a atuação profissional no centro-oeste do país no campo do conhecimento histórico, e na área das Ciências Humanas em geral, ensejaram a necessidade de criação do Programa de Pós-Graduação em História da PUC Goiás.

Hoje, com 10 anos de existência o PPGHIST tem se destacado na produção de conhecimentos na área da história regional, e seus integrantes são reconhecidos como lideranças intelectuais regionais, com efetiva participação em bancas e eventos científicos das instituições regionais e, também, nacionais e internacionais. Esse aspecto foi

apontado na visita da Comissão de Avaliação da CAPES nos fins de 2012 e na avaliação da quadrienal de 2016.

A regionalização, é entendida pelo PPGHIST, não meramente como um espaço onde se estabelece a materialidade física, de forma linear e determinista, como na Geografia Tradicional alemã de Ratzel (MORAES, 1990), tampouco como na geografia francesa de Vidal La Blache (1903), onde as regiões coincidiam com uma unidade administrativa estável e homogênea do ponto de vista geográfico ou da perspectiva de práticas agrícolas. Isso porque, ao contrário do cenário europeu, na América Latina durante o período colonial, devemos considerar a ocorrência muito mais frequente de "fronteiras móveis", como é o caso do centro-oeste brasileiro.

A definição prévia das regiões é conveniente ao historiador, que pode trabalhar com suas problematizações específicas, buscando as suas fontes exclusivamente em arquivos concentrados nas regiões assim definidas. A emergência de se estudar a história local, como advoga Pierre Goubert (1992), em meados dos anos 1950, havia sido motivada precisamente por uma combinação entre o interesse em estudar uma maior amplitude social (e não mais apenas os indivíduos ilustres, como nas crônicas regionais do século XIX), mas também a possibilidade metodológica de aprofundar e esgotar as análises sobre determinado local.

Com o progressivo surgimento dos novos problemas e objetos que a expansão dos domínios historiográficos passou a oferecer cada vez mais no decurso do século XX, o modelo de região derivado da escola geográfica de La Blache (1903) começou a ser questionado precisamente porque deixava encoberta a questão essencial de que qualquer delimitação espacial é sempre uma delimitação arbitrária, e também de que as relações entre o homem e o espaço modificam-se com o tempo, tornando inúteis (ou não-operacionais) delimitações regionais que poderiam funcionar para um período mas não para outro. De igual maneira, um território não existe senão com relação ao âmbito de análises que se tem em vista, aos aspectos da vida humana que estão sendo examinados (se do âmbito econômico, político, cultural ou mental, por exemplo).

Logo, é preciso considerar as regiões como sendo compostas de paisagens, territórios e espaços gerados através das relações sociais, sendo, portanto, um campo de forças, que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas, ou como realidade que se vê estabelecida imaginariamente em resposta aos dois fatores anteriores.

Nesse sentido, é importante mencionar a análise de Fernando Braudel (1966, 1967), que buscava enfatizar as diversas possibilidades de respostas que podiam ser colocadas pelos seres humanos diante dos desafios do meio. Oscilando entre a ideia de que o meio determina o homem, e a de que os homens instalam-se no meio natural transformando-o de modo a convertê-lo na principal base de sua vida social.

O espaço geográfico, seria nesse sentido o próprio sujeito da História de longa duração, e não mero teatro de operações. A exemplo de Braudel (1966, 1967) a proposta do PPGHIST da PUC Goiás é lidar com a “especialização da temporalidade” e da macroespacialidade. Nesse sentido, ao se especializar na história regional pretendemos acessar a interação entre o Homem e o Espaço, as suas simbioses e estranhamentos, as limitações de um diante do outro, a história dos acontecimentos, formada por “perturbações superficiais, espumas de ondas que a maré da história carrega em suas fortes espáduas” (BRAUDEL, 1980, p.21) e apreender em que medida o tempo infiltra-se no solo, regendo destinos coletivos e movimentos de conjunto, delimitando a história das estruturas que abrange desde os sistemas econômicos até as hegemonias políticas, os estados e as sociedades.

Desse modo, reificamos, como Peter Burke (1991), que a espacialidade dilata-se ou comprime-se no tempo conforme consideremos um período ou outro nos quais se contraponham diferentes possibilidades dos homens movimentarem-se no espaço. Mais uma vez, homem, espaço e tempo aparecem como três fatores indissociáveis. Se o Espaço está sujeito aos ditames do Tempo, por outro lado a Temporalidade também está sujeita aos ditames do Espaço e do meio geográfico (BARROS, 2006).

A proposta do PPGHIST, então, ao focar na história regional, é por um lado, aproveitar a comodidade arquivística da região viabilizando um trabalho mais artesanal do historiador, capacitando-o para dar conta sozinho de seu objeto sem abandonar o seu pequeno recinto documental, sem, no entanto, perder de vista as práticas culturais, tradicionais, econômicas e políticas que atravessam a região centro-oeste, sem, restringirem-se à essa região geográfica-administrativa no sentido tradicional. Isso porque, como pontua Yves Lacoste (1996) é preciso reconhecer as "especialidades diferenciais, de dimensões e significados variados, cujos limites se recortam e se superpõem, de tal maneira que, estando num ponto qualquer, não estaremos dentro de um, e sim de diversos conjuntos espaciais definidos de diferentes maneiras".

A ideia de tratar sob o ponto de vista das "espacialidades superpostas" a materialidade física sobre a qual se movimenta o homem em sociedade, incluindo sistemas diversificados que vão da rede de transportes à rede de conexões comerciais ou ao estabelecimento de padrões culturais, aproxima-se muito mais da realidade vivida do que o encerramento do espaço em regiões definidas de uma vez para sempre, e associadas apenas aos recortes administrativos e geográficos que habitualmente aparecem nos mapas. A realidade, em qualquer época, é necessariamente complexa, mesmo que esta complexidade não possa ser integralmente captada por nenhuma das ciências humanas, por mais que estas desenvolvam novos métodos para tentar apreender a realidade a partir de perspectivas cada vez mais enriquecidas (BARROS, 2006).

Assim, a regionalização é vista pelo corpo docente do programa como elemento fundamental para a qualificação do mesmo. Afinal, contribuir para a historiografia do centro-oeste brasileiro é contribuir para a própria historiografia nacional e mundial, superando os abismos e lacunas da História Oficial e evitando as fragmentações que os regionalismos podem promover. Desse modo, os projetos de pesquisa e as publicações docentes do PPGHIST, em geral, refletem o engajamento nessa produção do conhecimento, estratégica para o desenvolvimento historiográfico e científico da região Centro-oeste, e conseqüentemente do Brasil. Tal inserção regional contribui sobremaneira para capacitar os/as pesquisadores/as interessados/as na dimensão histórica de análise, aperfeiçoando a produção historiográfica e a docência no Centro-oeste brasileiro, na área de concentração em CULTURA e PODER.

## **OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Fornecer condições de aprimoramento da capacitação profissional no campo da história, tendo em vista a formação de professores e pesquisadores.

### **Objetivos Específicos**

- Ampliar a capacitação de historiadores visto que a região possui um único Programa de Pós-Graduação em História.
- Incentivar o surgimento de projetos de pesquisa na área de conhecimento histórico, numa preocupação constante em valorizar a análise do profissional de história.

- Contribuir com a melhor qualificação de recursos humanos na área de Ciências Humanas e Sociais.
- Formar profissionais qualificados para atuarem no ensino superior e em instituições ligadas à pesquisa e/ou à preservação da memória, tanto públicas quanto privadas.
- Aprofundar o conhecimento profissional e acadêmico, bem como possibilitar o desenvolvimento da habilidade para executar pesquisa histórica.
- Aprimorar o ensino de graduação por meio da capacitação qualificada do corpo docente e do incentivo à pesquisa, a partir do desenvolvimento de programas de Iniciação Científica, de núcleos e grupos de pesquisa.
- Divulgar a produção acadêmica produzida tanto no âmbito específico do programa de pós-graduação, quanto àquela produzida nos demais centros de pesquisa do Brasil e do exterior.
- Constituir-se em espaço de aglutinação de pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, por meio da criação de núcleos e laboratórios de pesquisa, promoção de seminários e congressos, etc.

## **ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: CULTURA E PODER**

A opção pela área de concentração em CULTURA E PODER, relaciona-se diretamente com o perfil dos profissionais docentes envolvidos nesta proposta. O movimento de renovação metodológica dentro das ciências humanas nas primeiras décadas deste século foi responsável por alargar domínios, estabelecendo relações com os outros campos do saber. Isto levou ao desenvolvimento de estudos mais amplos, como a alimentação, o meio ambiente, os objetos, as habitações, as técnicas, as artes, as cidades, os ritos, os saberes e fazeres, as identidades, as culturas, a territorialidade, os patrimônios culturais, os acervos, coleções e Museus, enfim categorias de diversas naturezas presentes nas sociedades humanas. Tais categorias passaram a definir o que se convencionou chamar de vida material, “os homens e as coisas”, “as coisas e os homens”, que está profundamente conectada com os contextos simbólicos e significados que lhe são atribuídos por diferentes culturas.

O resgate desses objetos pelas ciências humanas foi essencial para o desenvolvimento dos estudos culturais. A vivência material colocou em cena os homens e mulheres, e reintroduziu o debate acerca de sua vida cotidiana, na medida em que esta

é um testemunho dos sistemas de relações econômicas, ações ideológicas, mentais e simbólicas, permitindo a reconstituição de espaços habitados, sua organização e construção pelas coletividades.

Por ser uma palavra-chave das abordagens atuais, a noção de cultura torna-se de difícil definição. Não só a cultura é dinâmica, como o próprio conceito o é. A cultura costuma aparecer margeada ou por conceitos amplos demais – tudo que não é natural – ou por acepções demasiado instrumentais – conjunto de utensílios, padrões de comportamento, valores etc. Segundo Raymond Williams “a ideia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum” (1969, p. 305).

Em consonância com essas mudanças, tomamos aqui a cultura fora do espectro evolucionista e instrumentalista, defendido pelos primeiros antropólogos, adotando uma perspectiva semiótica, de que a "cultura" não seria simplesmente um referente que marca uma hierarquia de "civilização", mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa (DaMatta, 1986). Segundo Raymond Williams (1969, p. 20) a cultura seria “todo um modo de vida que não é apenas maneira de encarar a totalidade, mas ainda a maneira de interpretar toda a experiência comum e, à luz dessa interpretação mudá-la”. De modo que, “cultura significava um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida”.

Nesta acepção cultura seria um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. Como indica Clifford Geertz (1989, p. 57) “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu”. Nessa lógica, a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual, os indivíduos dão sentido às suas ações. Ela ocorre na mediação das relações dos indivíduos entre si, na produção de sentidos e significados.

Por outro lado, é importante compreender que a cultura, enquanto estrutura simbólica funciona como exercício de legitimação de um grupo sobre outro. Logo, a cultura tem lugar proeminente nos processos de hierarquização e diferenciação social. Como alerta Pierre Bourdieu (1989), embora, não haja nenhum elemento objetivo que diga que uma cultura é superior às outras, os valores tácitos atribuídos por certos grupos em posição dominante numa dada configuração social delimitam a cultura considerada

legítima. As relações de poder implícitas na distribuição do capital cultural, portanto, não é um reflexo automático da posição dos grupos dominantes. A hegemonia de suas práticas culturais é também o resultado de uma luta para inculcar os valores tidos legítimos. A *cultura*, para Bourdieu (1998), aparece, então, indissociável dos efeitos da dominação simbólica e é um elemento de luta entre os sujeitos nos diferentes campos pela demarcação de posições sociais distintas.

Considerar a cultura desta maneira significa também ultrapassar a forma de pensá-la como uma instância autônoma e em separado: superestrutura ou nível distinto do social. Ao invés disto, cultura é pensada como categoria no sentido que Raymond Williams (1969) atribui ao termo, ou seja, problema ou questão para orientar a pesquisa, categoria, portanto, sempre em construção e constitutiva do social: longe de se apresentar como solução ou explicação prévia, propõe-se como equação a ser decifrada. Assumindo que a dominação social cria antagonismos que serão sempre contraditórios e que, portanto ensejam momentos de vitória e de derrotas de parte a parte, a cultura pode ser uma categoria importante para se examinar o campo de possibilidades colocado pelo jogo de forças do social, no qual o destino ou sina dos diferentes sujeitos históricos em confronto não estão dados de antemão.

Falar de cultura dessa forma nos leva a mais uma categoria importante na condução de nossas reflexões - a de experiência social que nos conduziu a considerar que homens e mulheres devem retornar em nossa produção ou interpretação como sujeitos sociais e não apenas como indivíduos livres, no sentido liberal do termo, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações sociais como necessidades, interesses e com antagonismos. E que em seguida tratam essa experiência em sua consciência e sua cultura, com complexidade para, só então, agir sobre uma situação dada. E a experimentam não apenas como ideias no âmbito do pensamento, mas também como sentimentos, normas, valores, obrigações que se exprimem em ações e também como resistências.

A análise da dimensão do poder relacionado à produção da realidade social compreendida na área de concentração em pauta não se restringe, no entanto, ao estudo do Estado, dos órgãos que o compõem e das categorias sociais que o sustentam, mas inclui igualmente todos os movimentos gerados a partir de segmentos sociais exteriores ao próprio Estado e reduzidos a uma condição subalterna, as demandas variadas que impõem

a sua capacidade organizativa e o *modus operandi* da sua atuação. Entendemos que é preciso levar-se em consideração as estratégias de cooptação desenvolvidas pelos poderes públicos no confronto com os grupos sociais, trazendo muitas vezes para a sua órbita de influência movimentos e/ou instituições sociais cuja gênese era exterior ao próprio Estado (RÉMOND, 1994, p. 24).

A área contempla igualmente os poderes periféricos, moleculares, situados em um âmbito restrito. Poderes que se revelam no cotidiano e se encontram incrustados em instituições que não apresentam uma conotação política evidente, tais como a família, as entidades educacionais e religiosas e as associações lítero-culturais e recreativas. Poderes que não apenas reprimem, mas que são ao mesmo tempo criadores, instaurando uma disciplina de gestos, comportamentos e discursos. Esse tipo de abordagem, entretanto, não se opõe necessariamente ao estudo do poder de Estado. Pelo contrário, ambos os níveis devem ser analisados em conjunto uma vez que o Estado e suas estruturas se constituem apenas em um instrumento de um sistema de poderes que não se encontra unicamente nele localizado, mas que o ultrapassa e complementa.

Assim, é necessário que por uma orientação metodológica de caráter macro acompanhem as relações de poder que, partindo do Estado, se prolongam pelo conjunto da sociedade e se reproduzem de modo atomizado nos domínios mais insuspeitos da vida social. No outro oposto da escala, pode-se interrogar a respeito de como os ditos micro-poderes, os quais possuem uma história própria e procedimentos específicos, se relacionam com o nível mais geral do poder constituído pelo aparelho de Estado (MACHADO, 1979:xiii). Ao procedermos dessa maneira, temos condições de revelar conexões insuspeitas entre o poder de Estado e os micro-poderes bem como configurações inéditas da cartografia política de uma dada sociedade, uma vez que a constituição do Estado é feita do conjunto dos níveis macro e micro cujas articulações, conforme esclarece Revel (1998, p. 32), necessitam ainda serem identificadas e pensadas.

Os estudos sobre cultura política e poder permitem também a análise dos conteúdos simbólicos que integram as representações, com sua irradiação sobre o espaço público e/ou privado. Nesse aspecto particular, ao domínio sócio-político da realidade histórica associa-se o domínio cultural, buscando-se compreender a maneira pela qual os distintos grupos sociais elaboram critérios de interpretação do mundo que os rodeia de modo igualmente distinto. As representações assim construídas não são de modo algum

discursos neutros, mas produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados. Desse modo, as ideias, materializadas em discursos, gestos, rituais e símbolos iconográficos e reproduzidas tanto pelo saber erudito quanto pelo senso comum, se convertem em poderosos instrumentos de produção de identidades e alteridades associadas ao exercício do poder, ao mesmo tempo em que encorajam à ação, instruindo os comportamentos políticos que pretendem construir o mundo segundo uma determinada ótica.

Assim definida, a área de concentração em História: cultura e poder pretende viabilizar estudos históricos e historiográficos, seja no nível das micro-relações, seja no nível das relações macro políticas, tendo como objeto o poder e o modo pelo qual o mesmo é distribuído no interior da estrutura social, incluindo-se aí tanto os aspectos das práxis política efetiva quanto as concepções, visões de mundo e reflexões político-filosóficas a ela associadas.

Para dar conta deste amplo campo de investigação histórica, foram concebidas duas linhas de pesquisa, de acordo com as aptidões e experiências dos professores doutores integrantes do Programa de Pós-Graduação: “identidades, tradições e territorialidades” e “poder e representações”. Em 2017, a primeira linha passou por reformulação visando atender melhor a dinâmica de pesquisa dos professores que constituem o quadro docente do programa e passou a ser denominada “Cultura, Patrimônio e Território”. Tal reformulação visou aproximar os horizontes epistemológicos, bibliográficos e empíricos dos(as) novos(as) pesquisadores(as) do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA), ao Programa de Pós-Graduação em História, além de inserir os acervos do IGPA como fontes de pesquisa para os projetos do programa, e atrair alunos(as) dessa área temática.

Além disso, o colegiado do PPGHIST, em articulação com o colegiado da graduação em História, julgou pertinente, além da reformulação de uma das linhas já existentes, a criação de uma nova linha voltada para as questões da educação histórica e diversidade cultural. Alguns indicativos foram definidores no delineamento da linha, tais como:

- a) a grande quantidade de discentes que nos procuram interessados em discutir o ensino de história voltado para as relações étnico-raciais, motivados pela Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e

africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

- b) A existência do curso de graduação em História na PUC Goiás na modalidade Licenciatura, julgamos que a nova linha poderia dialogar com mais afinco com a atuação dos docentes e discentes da graduação.
- c) A baixa entrada de discentes provenientes da graduação em História da PUC Goiás no mestrado, e mesmo em atividades de iniciação científica. Constatou-se que esse fato se devia, entre outros motivos, à ausência de uma linha de pesquisa que dialogasse com o ensino de História.
- d) O perfil dos(as) ingressantes, em sua maioria, são professores(as) do ensino fundamental e médio na área de História.
- e) O lançamento, em 2017, no âmbito da CAPES de um edital que visava fortalecer os programas de pós-graduação que possuíam linhas de pesquisa ou criassem linhas de pesquisas voltadas para a EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS & DIVERSIDADES, embora tenhamos obtidos uma boa avaliação, infelizmente não fomos selecionados.
- f) O recebimento pela EFPH da Cátedra da Unesco n.43, referente à ciência da educação para a formação de professores e investigação educativa. Observamos que as afinidades eletivas entre a cátedra e a nova linha do PPGHIST podem gerar bons resultados.
- g) Possibilidade de gerar projetos voltados para o ensino e para a extensão universitária, que são notadamente, bem avaliados pela CAPES, especialmente no quesito INSERÇÃO SOCIAL.

## **LINHAS DE PESQUISA**

### **Poder e Representações**

A partir da segunda década do século XX tornou-se evidente na Europa o desgaste progressivo da história política tradicional, professada pelos herdeiros de Langlois, Seignobos e Fustel de Coulanges, que cultivaram tranquilamente seus pequenos jardins de ‘especialistas’ universitários sem darem uma olhada, sequer nos jardins de seus vizinhos (ROSANVALLON, 2010).

A história política passou a ser vista pelos historiadores franceses da Escola dos *Annales* com restrições e severas críticas. Erguendo-se contra a dominação da Escola Metódica, os *Annales* criticavam a história política, taxando-a de erudita, elitista, acrítica, a “história historizante”. Para os annalistas esta história política não contribuía para a compreensão da sociedade porque priorizava o político e desprezava o econômico, o social, o cultural e o religioso. Porém, este posicionamento de combate e crítica dos *Annales* à história política, tomou novos rumos no final dos anos 60, com a sua terceira geração.

Novas temáticas se colocaram e alargaram o horizonte da história com a ajuda da interdisciplinariedade, demonstrando as possibilidades e as necessidades de se incorporar as ideologias, as representações e o imaginário social à investigação histórica. Começaram a fazer parte do universo da história os fenômenos culturais, as atitudes do inconsciente, o sagrado e as sensibilidades coletivas.

Foi inserida nestas transformações que se deu a renovação da história política, acompanhada pelo desenvolvimento da história da mentalidade, da sociologia, da antropologia e filosofia política; agora com um outro sentido e múltiplas temáticas, orientadas pelas propostas teórico-metodológicas da História Cultural. Com esta nova abordagem, procurou promover uma reflexão política sobre o universo das culturas centradas nos sujeitos históricos e em sua diversidade, enfocando os confrontos políticos presentes em diferentes espaços e práticas sociais.

Assim, a história política buscando o diálogo com outras disciplinas e abrindo-se para outras temáticas, incorporou às suas discussões a cultura, as sensibilidades, as representações racionais e imaginárias, os mitos, o público e o privado, as sociabilidades, a memória, as práticas simbólicas, dentre outros, para redefinir o campo do político. Como bem nos lembra Raoul Girardet em *Mitos e Mitologias Políticas* (1987) e Pierre Ansart em *La Gestion Des Passions Politiques* (1983), a preocupação deste novo empreendimento dos estudiosos do político não foi criticar, mas alargar o campo da história através do estudo do imaginário político. Também não descartam as dificuldades para se estudar o imaginário, justo por este se encontrar no âmbito do irracional. Mas, sublinham que no universo político contemporâneo, as paixões e os mitos se explicitam, estão em evidência, já não sendo mais possível deixá-los de lado ou ignorá-los.

As representações culturais, materiais, afetivas e coletivas, as mentalidades, as emoções têm consequências sociais, é a partir destas questões e das respostas as mesmas que se poderá melhor distinguir como os sentimentos e as paixões participam na reprodução social como nos conflitos, nas relações de poder e nas mutações da vida política.

Da mesma forma, os historiadores da cultura e da política têm conferido importância ao papel das representações nas tendências contemporâneas da investigação histórica. Partindo do princípio de que a imagem não é apenas um simples reflexo da estrutura social, mas é uma representação das coisas que são vivenciadas e/ou imaginadas em tempo real, com poder de modificar a realidade que parece refletir; diferentes formas de representação (literárias, visuais e mentais) passaram a ser estudadas nos últimos tempos, e consubstanciadas em diversas histórias das representações: do trabalho, das mulheres, do outro.

Estas novas preocupações com o papel ativo das representações subsidiadas pelos contatos interdisciplinares, ou negociações, que ocorrem sob o amplo guarda-chuva da história cultural (BURKE, 2008), já se fazem sentir nos estudos políticos contemporâneos, que privilegiam uma abordagem cultural. A expressão cultura política, presente nos discursos dos historiadores desde o final da década de 1980, é reveladora deste deslocamento de interesse e da necessidade de ligar os dois domínios – cultura e política -, focalizando as atitudes ou noções políticas de diferentes grupos e as maneiras pelas quais essas atitudes são instaladas. Nestes estudos, cultura política passou a ser utilizada para focalizar mudanças das regras do comportamento político, práticas simbólicas e práticas políticas vinculadas a crenças religiosas; para reescrever a história dos movimentos de independência de grupos dominados, os chamados estudos pós-coloniais, que tanto interesse tem despertado internacionalmente, e que comprovam os vínculos entre cultura e política, tanto no passado como no presente.

Os estudiosos também têm dado ênfase às emoções, à importância de sentimentos específicos, e no controle ou administração das emoções no campo do político, explicitados nos protocolos (ritualização do poder), nas regras de civilidade e polidez, compreendidas como modalidades práticas e de *savoir-faire* com a finalidade de afirmar a supremacia da ordem política, dissimulando os conflitos e tensões. Ao historiador cabe desvendar a dimensão simbólica do protocolo, pois segundo Geertz (1989), trata-se de

um conjunto de formas simbólicas que fabricam a majestade política contribuindo para mascarar o caráter ritual dessa grandeza. Assim como deve perceber um signo de poder em um gesto e/ou movimento do corpo, eles podem traduzir uma hierarquia de poder, ou seja, uma posição de inferioridade (mobilidade descontrolada) e uma posição de superioridade - domínio de si (HAROCHE, 1971).

Portanto, seguindo as premissas desta história política renovada e instigante, acompanhada do cultural e das representações sociais, que propomos direcionar a linha de pesquisa PODER E REPRESENTAÇÃO. A linha pretende definir uma ampla área de trabalho que se abre sobre os seguintes campos de reflexão:

- Interrogar as matrizes teóricas do pensamento político, seus enfoques teóricos e metodológicos, assim como as relações tecidas entre os conceitos, as representações e imaginário e suas mediações com o real.

- Percorrer as diferentes correntes históricas dedicadas ao estudo da cultura, discutindo suas matrizes teóricas e seus procedimentos analíticos e de pesquisa, apresentando um panorama dos principais debates que envolvem os estudiosos da história cultural.

- Analisar várias formas discursivas – escritas e iconográficas -, as representações -visuais e mentais-, a produção de imagens pelo discurso estético, político e científico, a literatura de ficção; enfim, todo um universo que compõe ao que se convencionou chamar de realidade.

Docentes vinculados

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros

Prof. Dr. Eduardo Sugizaki

Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer

Profa. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

Profa. Dra. Renata Cristina de S. Nascimento

**Patrimônio Cultural e Território**

A questão do poder aparece como constitutiva das questões relacionadas com as formas de gestão da cultura e do patrimônio cultural. Afinal, como questiona Ortiz (1994) quem estaria habilitado a delinear a identidade e a memória nacional? Quais grupos são os portadores históricos desse patrimônio? Quais interesses estão investidos nessa patrimonialização cultural? Quem são os agentes que exercem forças nessa regulação? E ainda: Qual é o papel da comunidade local? Como eles se inserem nas discussões e nas práticas patrimoniais? Como a patrimonialização é estruturada pelas dinâmicas locais? Como ela afeta e se insere na organização social, cultural, política e econômica local?

Seus significados ainda que inerentes à sua materialidade e à sua dimensão intangível, vinculados aos processos sociais e culturais, são fortemente motivadas pelas agendas políticas contemporâneas, portanto, uma atribuição de significados no e para o presente (SOUZA e CRIPPA, 2011). Neste sentido, os estudos de cultura material ou a seleção de um bem cultural como patrimônio são, de alguma forma, regidos por escolhas ideologicamente determinadas. Os patrimônios culturais não se constituem somente em expressões de natureza social, cultural e, simbólica do passado, ao contrário, eles podem ser considerados como vetores por onde valores e ideologias são construídos e legitimados.

Desse modo, estudar a circulação dos objetos materiais na vida social e cultural das sociedades passa pelo entendimento dos contextos simbólicos destes objetos por meios de diferentes manifestações culturais, tais como as trocas cerimoniais, comerciais, as transmissões do saber-fazer e os espaços institucionais (coleções, museus, patrimônios culturais), entre outros, tal como sugere Reginaldo Gonçalves (1996).

Os registros de fatos e eventos, bem como a preservação das informações decorrentes desse processo se transformaram em objetos e preocupações, não apenas das ciências, mas de diferentes instituições sociais e culturais. Estes registros culminaram na formação de arquivos ou acervos/coleções considerados, atualmente, “*as formas pelas quais os homens mantêm seus bens valiosos, de diversas naturezas, guardados e, se possível, catalogados*” (ARQUIVO NACIONAL, 2005). Sua “proteção”, sistemática ou não, tem a função primordial de salvar e legar para o futuro conteúdos autênticos, precisos e os mais completos possíveis.

O conjunto informacional proveniente dos acervos, de modo especial dos “acervos analógicos” é mantido em suportes físicos e constitui os objetos arquivados em

instituições ou em coleções particulares, de resistência e durabilidade variável. O potencial do material depositado nestes acervos e arquivos de imagens, fixas ou em movimento, designado campo audiovisual, é de grande importância para o resgate de informações acerca do que há muito tempo foi registrado e guardado (MOURA e RESENDE, 2014).

Como toda cultura material, um acervo, audiovisual ou não, está dotado de sentidos culturais que vai além de sua materialidade, bem como são percebidos enquanto objetos ativos que intervêm no presente e no futuro das sociedades. Neste sentido, os acervos são considerados patrimônios culturais e se constituem num legado para a humanidade, o que primam pela necessidade e importância de sua conservação e divulgação.

A Cultura, portanto, possui elementos imateriais e materiais, intangíveis e tangíveis que são indissociáveis da vida social e cultural. O primeiro seria relativo às representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com categorias subjacentes aos instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhe são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante do seu patrimônio imaterial. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado por grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana. Os elementos culturais materiais seriam formados por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas.

A delimitação desses bens simbólicos enquanto Patrimônio Cultural refletem os espaços sociais, políticos e ideológicos de atuação daqueles que “fazem” o patrimônio (NOGUEIRA, 2014). Os patrimônios culturais constituídos por expressões tangíveis e intangíveis, as quais em essência e, numa relação dialética e não antagônica, fundem-se numa única expressão, ainda que marcadas por diferenças. Se configuram em arranjos simbólicos dispostos em tempos e espaços determinados, com um denso entrelaçamento entre grupos sociais, memórias, tradições e identidades.

Nos últimos anos, o discurso patrimonial ocidental abandona a perspectiva embasada nos grandes monumentos artísticos e históricos – vistos como capitais

simbólicos de uma civilização, e, portanto, universalizantes e homogeneizadoras, voltados para a construção e representação da identidade nacional – e adquire uma roupagem diversificada, orientada aos bens culturais condizentes às identidades coletivas, passando a agregar múltiplas paisagens, arquiteturas, tradições, gastronomias, expressões de arte, documentos e sítios arqueológicos (ZANIRATO, 2006). Um verdadeiro aparato jurídico-institucional de âmbito local, estadual, nacional e internacional passou a gerir o reconhecimento e valorização desses bens.

Nesta perspectiva ampliada de Patrimônio é pertinente integrar os estudos de culturas materiais que, desvinculadas ou não das memórias vivas, voltam-se às dimensões objetivas e subjetivas da cultura. São igualmente tratadas a partir de uma perspectiva dialógica e simétrica entre pessoas e coisas (LATOURET, 2012). Em sentido amplo, as culturas materiais mergulhadas nas suas imaterialidades, estão contextualizadas em espaços históricos ou pretéritos e, afora suas potencialidades de demarcações e representações das relações simbólicas e sociais, constituem-se em categorias culturais ativas, de construções e reconstruções dos comportamentos humanos (LIMA, 2011). Neste sentido, enquanto parte de um sistema de símbolos, inerente à sociedade humana, mais do que “representar”, os patrimônios culturais constituem o modo pelo qual certos grupos organizam e constituem a vida social (GONÇALVES, 2007).

A constituição e a organização da vida social passam pela relação das sociedades com seus territórios, espaço investido de uma realidade social e simbólica que ultrapassa a racionalidade das necessidades de subsistência material.

Atualmente, a noção de espaço não é mais pensada a partir de uma concepção acabada e estática, veiculada pelo positivismo, que se restringe às descrições das características exteriores de uma região natural, onde eram considerados os elementos observáveis, quantificáveis, e homogêneos, tais como clima, vegetação, demografia, natalidade etc., como observa Telmo Marcon (2003). Segundo este autor, pensar no espaço, significa compreendê-lo na sua historicidade, levando em conta os distintos grupos que dele tomaram parte. A partir do espaço pensado enquanto uma construção histórica e social pode-se analisar os conflitos e disputas resultantes dos litígios de terra, e a resistência de grupos expropriados pela retomada de seus territórios e pela sua defesa e controle que passam pelo processo de territorialidade.

O território tem centralidade na relação entre sociedade, meio ambiente e produção. Ao longo da história do Brasil, o latifúndio vem se expandindo pelas fronteiras territoriais do País, entrando em choque com populações tradicionais que habitavam e habitam esses espaços, tais como povos indígenas, quilombolas, ribeirinho, pequenos agricultores entre outros. Esse processo vem se aprofundando com a globalização em curso, onde, como afirma Octávio Ianni (1993), novas regras são criadas e novas formas de organizar a vida e o trabalho são impostas, o que leva ao desenraizamento de povos, nações, culturas, religiões, desterritorialização e eliminação de identidades locais, bem como desaparecimento dos saberes tradicionais e populares, da homogeneização cultural/literária e da globalização de patrimônios nacionais

Nesse sentido, entender o processo de territorialidade que tem a ver com a maneira de como os grupos subordinados se organizam para exercer o controle e defesa de seus territórios é uma questão que ultrapassa os muros da academia, mas uma questão de princípios ético e político.

O território é um elemento fundante e a base da sobrevivência física e cultural dos seres humanos em sua totalidade, notadamente, dos povos tradicionais. Para estes, a soberania alimentar tem relação profunda com a garantia de seus territórios. Nesta relação deve-se ter presente o sistema cognitivo destes povos, no sentido de compreender os significados que dão aos alimentos, sua relação com eles, a relação percebida entre comida e organismo humano, a lógica de produção do grupo, a relação com o mercado e as estratégias que desenvolvem para assegurar não só a própria subsistência, mas também seu desenvolvimento social e econômico, como sugere o relatório final elaborado por Woortmann (1978) a respeito de uma série de pesquisas sobre hábitos alimentares realizadas por vários estudiosos em diferentes lugares do Brasil.

A alimentação é um elemento universal presente em toda sociedade humana. Alimentar-se não é só um ato biológico, mas uma ação revestida de caráter ideológico, social e cultural, na qual a escolha dos alimentos tem a ver com as representações simbólicas de um povo, com práticas e experiências culturalmente construídas. Segundo Lévi-Strauss (1968, p. 40), o domínio da cozinha constitui uma forma de atividade humana verdadeiramente universal: assim como não existe sociedade sem linguagem, não há também alguma que não cozinhe alguns de seus alimentos.

O fazer culinário reflete a diversidade cultural das sociedades, em que cada uma tem seu modo próprio de classificar, produzir e consumir os alimentos, não sendo estes nem idênticos e nem homogêneos. Cada sociedade seleciona e define suas operações culinárias conforme sua cultura, levando em conta o saber-fazer, os recursos naturais disponíveis, as relações sociais e as representações.

Para compreender o sistema alimentar de um povo é necessário compreender seu sistema de classificação dos alimentos, ou seja, a forma como cada sociedade organiza seu universo por meio de elaboração de regras. Essas regras levam uma sociedade a eleger determinados alimentos em detrimento de outros; de interditar uns e liberar outros; de dar um caráter sagrado para uns e profano para outros; de eleger para sua consumação um espaço público ou um espaço privado; de permitir o seu manuseio e consumo por uns e os proibir a outros, etc.

Diante de uma sociedade neoliberal que se impõe com suas mudanças técnico-econômicas e com o aceleramento do desenvolvimento agroindustrial, certamente, as práticas alimentares acompanham essas mudanças. Essas mudanças são consequências, como afirma Jean-Pierre Poulain (2002), de um conjunto de fenômenos socioeconômicos como o trabalho feminino, a prática da jornada de trabalho em tempo contínuo, o desenvolvimento da urbanização, a redefinição dos papéis sociais de sexos, a industrialização agroalimentar etc. Mas essa imposição não acontece sem resistência, “as tradições alimentares, na sua função emblemática, tornam-se um lugar de resistência cultural” (Poulain, 2002, p. 24). Essa resistência pode ser percebida na luta, hoje, pela patrimonialização do alimento e do gastronômico, que emerge, segundo o autor, num contexto de transformação das práticas alimentares vividas sobre o modo da degradação e, mais amplamente, sobre o risco de perda da identidade.

Nesse sentido, a Antropologia pode contribuir para a compreensão dos impactos produzidos pelo avanço do capitalismo que afeta as práticas alimentares de comunidades desmonetizadas, desestruturando não apenas modelos de hábitos alimentares culturalmente construídos, mas pondo em risco a qualidade da alimentação desses povos.

É necessário não somente compreender os aspectos cognitivos dos alimentos, mas promover o conhecimento tradicional, de forma que o conhecimento produzido seja revertido para a qualidade de vida dos indígenas e não somente a serviço das academias e, sobretudo, da biopirataria.

Tanto os estudos sobre a produção dos saberes, quanto sobre a ocupação dos espaços por grupos que, concomitantemente, buscam assegurar a reprodução de suas marcas identitárias e culturais, seja por meio da patrimonialização e do reconhecimento, seja por meio das práticas cotidianas, são privilegiados por essa linha.

Nesse sentido, se torna fundamental estudos relacionados às: a) tradições e expressões orais; incluindo o idioma como veículo do patrimônio cultural imaterial; b) expressões artísticas; c) práticas sociais, ritos e atos festivos; d) conhecimentos e práticas relacionadas à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais; f) núcleos urbanos e conflitos sócio-espaciais; g) história e cultura alimentar, h) sítios arqueológicos e paisagísticos; i) bens individuais – e móveis – coleções arqueológicas e etnográficas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

Assim, delineamos as seguintes problemáticas:

Investigar os enfoques em formas sócio-culturais em que estejam manifestos os atravessamentos de lógicas civilizatórias, culturais e de patrimonialização, para isto enfatizando a questão em torno da especificidade da construção do objeto à luz da confluência entre fluxos e identidades, nos circuitos dos bens simbólicos imateriais e materiais.

Analisar o processo cognitivo do espaço e suas categorias de simbolização e patrimonialização, relacionados intimamente com a constituição das identidades sociais dos grupos envolvidos;

Interrogar acerca da constituição do imaginário territorial e simbólico, dentro e fora dos quadros estatais, o que envolve a criação de dispositivos de controle histórico-topológicos e tentativas de hegemonia sobre as formas subalternas de lugarização e patrimonialização;

Investigar a elaboração das práticas de ocupação, manipulação e exploração do espaço e dos bens simbólicos, em suas interações com as caracterizações constituídas;

Docentes vinculados:

Profa. Dra. Deusa M. Rodrigues Boaventura

Profa Dra. Marlene Castro Ossami de Moura

Profa. Dra. Sibeli Aparecida Viana

Prof. Dr. Júlio Cezar Rubin de Rubin

## **Educação Histórica e Diversidade Cultural**

A constatação da pluralidade identitária e da diversidade cultural no mundo contemporâneo, comprovadas pela existência de coletividades sociais e subestatais distintas, se faz necessária para pensarmos os processos culturais de naturalização das diferenças entre os gêneros, os sexos, as raças, as etnias, as religiões, as culturas, entre outros, e dos efeitos da dominação simbólica de um grupo sobre outro. A escola e a educação, nesse sentido, adquirem nas sociedades modernas e contemporâneas papel fundante nesses processos de dominação simbólica, o que requer uma reflexão sobre as tensões entre igualdade e diferença.

Desse modo, essa linha gira em torno da preocupação com a busca de respostas concernentes ao desenvolvimento do pensamento histórico e à formação da consciência histórica nos sujeitos submetidos ao processo de aprendizagem em um ambiente marcado pela diversidade cultural. Para tanto, entendemos, na esteira de Jörn Rüsen (2001, 2007a, 2007b), Peter Lee (2001), Isabel Barca (2001), Estevão Rezende Martins e Maria Auxiliadora Schmidt (2011) a função social da Educação Histórica nas perspectivas da formação cidadã, da compreensão e respeito à diversidade cultural, tendo por base a leitura dos diferentes universos culturais construídos historicamente.

Embora a luta pelos direitos humanos tenha sido protagonizada pela busca da afirmação da igualdade entre todos os seres humanos, como indica o primeiro artigo da Declaração Universal (1948) – "Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados que são de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros" – no atual ambiente de diversidade cultural acirram as disputas pelo acesso à cidadania e à justiça social, demarcando uma condição de emergência das diferenças, que impõem desafios para toda a sociedade, especialmente para a educação.

No Brasil, o debate sobre a necessidade e as formas de reconhecer a identidade das ditas “minorias sociais e culturais” têm aumentado e se tornado evidente a cada dia.

A consideração de algumas categorias identitárias, até então, tidas como minoritárias e fadadas ao desaparecimento – como: etnia, raça, sexo, gênero, religião, geracional, tribos urbanas, atributos estéticos e outras variações do corpo (como obesidade, ananismo, gigantismo, mutilação, ausência ou deformação congênita de membros, disfunção de membros ou sentidos) – implica na resolução do desafio de como reconhecer esses grupos como iguais na maneira como são tratados na política, no mercado de trabalho, na escola etc. Fundamentalmente, a grande questão que se coloca é como gerar uma distribuição de recursos materiais e culturais, que proporcione essa equalização, especialmente na fase escolar, por meio de conteúdos, acessos e didáticas de ensino que contemplem e promovam também as diferenças de forma permanente, continuada e global.

É preciso que se desenvolvam estratégias pedagógicas para que as diferenças sejam respeitadas, valorizadas, discutidas e toleradas e não ocultadas, suprimidas ou tratadas como minorias, e como portadoras de atributos estigmatizantes, incapacitantes e inferiores. É nessa perspectiva que essa linha visa reunir uma série de estudos e pesquisas que visam refletir como a Educação Histórica pode promover uma Educação voltada para a Diversidade Cultural. Essa proposta se justifica mediante a constatação de que diversas identidades culturais e sociais dos cidadãos, inclusive de crianças e de adolescentes, não são respeitadas em órgãos públicos e privados (especialmente no contexto escolar), nem incluídas nos conteúdos escolares ou contempladas por didáticas de ensino, que ainda se pautam pela política do igual respeito de base iluminista moderna, que fundamentou a escola funcionalista.

Bourdieu (2002), denuncia que esse modelo funcionalista de educação busca transformar habilidades e potenciais diferenças e qualidades, que não dizem respeito necessariamente à aprendizagem realizada na escola e sim aos capitais culturais e sociais de origem dos alunos, em classificações de desempenho. Ele também observou que essa seleção, pretensamente neutra e racional, mostra, no entanto, que os alunos considerados como tendo um melhor aproveitamento na escola eram os filhos de detentores de capital cultural e conseqüentemente de capital econômico, assim, ao recompensar um aluno que vai bem os professores estariam, na verdade, privilegiando uma determinada classe social. Os professores ao classificarem os alunos via desempenho, estão de fato, ratificando diferenças sociais, ratificando a desigualdade de acessos e oportunidades entre a população economicamente mais baixa e mais alta. Para Bourdieu (2002), esse processo se dá porque é natural que a sociedade e a escola classifiquem as pessoas, também é

natural que cada um se ajuste aquilo que lhe aparece como possibilidade de destino, dessa forma, ocorre um ajuste das percepções sobre si, com as percepções sobre as próprias condições de vida, que termina por conformar cada um a seu destino. Para alguns é inquestionável a continuidade no ensino superior, para outros seguir funções menos prestigiosas parece a única saída possível e desejável.

Em toda América latina esses ideais se mesclaram a uma situação sócio-histórica específica marcada pela colonização ibérica, escravidão e exploração. A escola, então, foi elaborada para formar uma cidadania capaz de gerar o progresso social, por isso transmitia a cultura homogênea sem brechas, nem diferenças. No caso do Brasil o acesso aos ideais iluministas e ao modelo funcionalista de modernidade esteve condicionado à sustentabilidade da empresa colonizadora e escravocrata portuguesa até os séculos XVIII e XIX – com marcante influência do Marquês de Pombal –, quando embarcou no bojo de um ambíguo processo de libertação.

Tal ambiguidade se caracteriza pelo particular, complexo, tácito e explícito debate sobre a formação de portadores sociais de um “projeto” iluminista que se implantava no país. Ao mesmo tempo, constituídos e contextualizados pelas dubiedades entre burgueses e latifundiários escravistas, entre os embates dos ideais de cultura e educação “humanistas” e tecnicistas, marcados pelas costumeiras indistinções entre público e privado, ou seja, pelos contrastes da realidade colonial, paternalista, escravista e tradicional, e do “dinamismo da Métropole”, de construção do Estado-nação enquanto processo político-cultural articulado com o próprio avanço do Capital e valores modernizantes, como exigência das mudanças ocorridas em escala mundial na estrutura sócio-econômica de cada país (GUIMARÃES-IOSIFF, 2009). O Brasil buscou incorporar o liberalismo europeu sem rupturas, tentando conciliar as leis penais e a escravidão, o militarismo e a religiosidade (MARINHO, 2011).

Um exemplo elucidativo dessa prática no Brasil é a ideologia do “embranquecimento”, como pode ser visto nas obras de Raimundo Nina Rodrigues (1982, 2006) que tem na imigração italiana e na ideia de miscigenação seu ponto alto. Esse princípio foi relativizado por algumas teorias igualmente universalizantes, como a ideia da democracia racial (logo transformada em mito) adotada pelo modernismo na conjuntura do Estado novo, reafirmadas no pacto trabalhista do estado nacional

desenvolvimentista da ditadura, que se sustentava na miscigenação entre as raças, como indicado por Gilberto Freyre (1933).

A miscigenação era desde o período colonial disseminada e moralmente consentida, os mestiços, desde que bem educados eram regularmente incorporados às elites. Segundo Schwarcz (1999)

Uma das especificidades do preconceito vigente no país é seu caráter não oficial. Enquanto em outras nações se adotaram estratégias jurídicas que garantiram que a discriminação fosse amparada pelo corpo da lei, no Brasil, desde a promulgação da República, afirmou-se a universalidade dos direitos (p. 54).

Logo, os dois principais grupos culturais brasileiros, negros e indígenas, foram sendo ocultados, invisibilizados, marginalizados especialmente pela tese da aculturação<sup>1</sup> o que dificultava ainda mais o acesso aos recursos materiais, intelectuais e culturais necessários para a satisfação da dignidade, alcance da autonomia e produção de cidadãos críticos e ativos.

O entendimento das estruturas sociais, nesse sentido, não ocorreria sem a desnaturalização das categorias do feminino e do masculino, que passam a ser vistos como construtos sociais e culturais, no que se convencionou chamar de gênero. Para além de uma dicotomia entre sexo (entendida como realidade natural, material, corporal) e gênero (como significação, valoração, definição social e cultural), na esteira de Judith Butler (2003) e Joan Scott (1989), compreende-se o próprio sexo, o ser macho e o ser fêmea como implantações culturais no corpo. Reconhecer essa dimensão enquanto categoria constituinte da cultura, requer, portanto, reconhecer a importância da experiência cotidiana, do lugar onde moldam-se as personalidades, disciplinam-se os corpos, forma-se a percepção, geram-se os sentimentos de familiaridade, os hábitos etc. Tal análise das práticas históricas, simbólicas e diárias acerca dessa questão não seria possível sem o entendimento daquilo que as viabiliza, isto é, o mundo material. O espaço

---

<sup>1</sup> As teorias de aculturação por visualizarem a cultura como estática acreditavam que a ampliação do contato entre brancos e índios poderia, em questão de décadas, extinguir as comunidades indígenas. Contudo, o crescimento das comunidades indígenas – a partir da década de 1950 – negou o prognóstico do início do século.

doméstico, a formação da família (incluindo aqui desde a estrutura da moradia até o uso prático e simbólico de seus artefatos) e a ocupação dos espaços públicos (como a escola, o mercado de trabalho, a mídia e o mundo da política) pelos diferentes gêneros são constitutivos de um campo operatório onde a vida efetivamente acontece, e com ela a atribuição de gênero.

Assim, a escola brasileira aspirava produzir um sujeito apto a adaptar-se às exigências políticas e sociais que a classe dominante perseguia. No entanto, apenas formou um cidadão abstrato que negava as diferenças culturais e econômicas. Dessa forma, o(a) branco(a), o(a) negro(a), o(a) camponês(a), o(a) habitante da cidade, o(a) nativo(a), o(a) estrangeiro(a), o(a) católico(a) e o(a) protestante eram supostamente tratados como iguais. Integração e igualação eram impostas autoritariamente. O saber e a cultura foram delimitados pela História Oficial, enquanto que o saber e a cultura popular foram ignorados ou negados em nome do progresso social do projeto civilizatório. Era a dicotomia civilização/barbárie, progresso/atraso, cultos/não cultos, esforçados/preguiçosos, bom desempenho/mau desempenho.

Essa postura de respeito igualitário, portanto, pode não ser suficiente quando o que está em jogo é o bem-estar, a liberdade dos cidadãos e suas oportunidades de vida. O respeito à igualdade, sem reflexão e inclusão da diversidade, levaria a omissão dos diferentes (taxados de minorias). A desvalorização do ambiente cultural de origem e das particularidades dos alunos pode prejudicar seu desempenho, cognição e aprendizagem já que a capacidade de compreensão de muitos indivíduos depende da vitalidade e reconhecimento de sua respectiva cultura (TAYLOR, 1998). Assim, a valorização da cultura seria de interesse fundamental na satisfação da democracia e na produção de sujeitos autônomos. Como afirma Fraser (2007, p. 03) é preciso “elaborar um conceito amplo de justiça que consiga acomodar tanto as reivindicações defensáveis de igualdade social quanto as reivindicações defensáveis de reconhecimento da diferença”.

Isso significa dizer que uma educação voltada para a diversidade cultural hoje, precisa ser ressignificada numa perspectiva multicultural<sup>2</sup>, para que tenham relevância

---

<sup>2</sup> O multiculturalismo, em geral, se divide em duas vertentes político-filosóficas: a corrente comunitarista e a liberal. Tanto a perspectiva comunitarista quanto a liberal, dizem respeito, à autonomia da pessoa e às possibilidades e limites da formação moral. Eles fazem parte de uma reflexão a respeito da relação entre identidade pessoal, conduta e contexto social, enquanto, os liberais supõem inicialmente o indivíduo como



identidades sociais; d) à diversidade cultural e às didáticas de ensino; e) à Educação Histórica e à Educação em Direitos Humanos; f) à Educação Histórica da África e suas Diásporas; g) à Educação Histórica dos Indígenas; h) à Educação Histórica Regional; i) à Educação Histórica das Religiões; j) à Educação Histórica e alteridade; k) à Educação Histórica, gênero e sexualidade; l) à Educação Histórica no campo; m) à metodologia e material didático para a Educação Histórica; n) à modalidade de ensino à distância (EAD) e novas mídias e tecnologias na Educação Histórica; o) às implicações sociais, políticas e culturais dos diversos sentidos construídos sobre a História; p) à natureza do conhecimento histórico e seu papel como ferramenta para análise da sociedade e como recurso para mudança da consciência histórica; q) aos processos de construção de uma cognição histórica da vivência experienciada.

Refletir sobre o papel histórico da Educação Histórica para a formação de cidadãos para a vida e para a convivência em sociedade, com o respeito ao outro, reconhecendo as diferenças, respeitando a diversidade, enfrentando todas as formas de preconceito e discriminação é um dos desafios do tempo contemporâneo. Assim, essa linha pretende reunir estudos e pesquisas, aliados às atividades de ensino e extensão (inserção social), que visem compreender historicamente como o tema da diversidade tem sido tratado historicamente, tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Docentes vinculados a essa linha:

Prof. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro  
 Prof. Dra. Thais Alves Marinho

## QUADRO DOCENTE

Docente	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós-doutorado	lattes
<b>Deusa Maria Rodrigues Boaventura</b>	Graduação em Arquitetura e Urbanismo	Mestrado em Arquitetura e Urbanismo	Doutorado em Arquitetura e urbanismo	Não	<a href="http://lattes.cnpq.br/4518779017675694">http://lattes.cnpq.br/4518779017675694</a>
<b>Eduardo Gusmão de Quadros</b>	Graduação em bacharelado em teologia e História Graduação em historia	Mestrado em Ciências da Religião	Doutorado em História	Não	<a href="http://lattes.cnpq.br/6271285275152113">http://lattes.cnpq.br/6271285275152113</a>

<b>Eduardo Sugizaki</b>	Graduação em Lic. em Filosofia, Bacharelado em Teologia	Mestrado em Filosofia Política	Doutorado em Filosofia, doutorado em História	Sim	<a href="http://lattes.cnpq.br/4594074167998014">http://lattes.cnpq.br/4594074167998014</a>
<b>Ivoni Richter Reimer</b>	Graduação em Teologia e Graduação em Estudos de Teologia	não tem	Doutorado em Filosofia/Teologia	Sim	<a href="http://lattes.cnpq.br/2861371052102699">http://lattes.cnpq.br/2861371052102699</a>
<b>Julio Cezar de Rubin de Rubin</b>	Graduação em Geologia	Não tem	Doutorado em Geociências e Meio Ambiente	Não	<a href="http://lattes.cnpq.br/4595290910117337">http://lattes.cnpq.br/4595290910117337</a>
<b>Maria Cristina Nunes Ferreira Neto (colaboradora)</b>	Graduação em História	Programa de Pós-Graduação em História	Doutorado em História	Não	<a href="http://lattes.cnpq.br/7675989840241378">http://lattes.cnpq.br/7675989840241378</a>
<b>Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro</b>	Graduação em História	Programa de Pós-Graduação em História	Doutorado em História Econômica	Sim	<a href="http://lattes.cnpq.br/0992325312724959">http://lattes.cnpq.br/0992325312724959</a>
<b>Marlene Castro Ossami de Moura</b>	Graduação em Jornalismo e Ciências Sociais	Mestrado em Antropologia	Doutora em Antropologia	Cursando	<a href="http://lattes.cnpq.br/7376067782804492">http://lattes.cnpq.br/7376067782804492</a>
<b>Renata Cristina Sousa Nascimento</b>	Graduação em História	Programa de Pós-Graduação em História	Doutorado em História	Sim	<a href="http://lattes.cnpq.br/5151454949796711">http://lattes.cnpq.br/5151454949796711</a>
<b>Sibeli Aparecida Viana</b>	Graduação em Arqueologia	Programa de Pós-Graduação em História Social	Doutorado em História	Não	<a href="http://lattes.cnpq.br/2161807925273410">http://lattes.cnpq.br/2161807925273410</a>
<b>Thais Alves Marinho</b>	Graduação em Ciências Sociais e Graduação em Relações Internacionais	Mestrado em Sociologia	Doutorado em Sociologia	Sim	<a href="http://lattes.cnpq.br/9094700593263241">http://lattes.cnpq.br/9094700593263241</a>

## ESTRUTURA CURRICULAR

Disciplinas obrigatórias 4 créditos cada	<b>MHT0001 – História e Estudos Culturais</b>	3x 4 = 12 créditos
	<b>MHT0002 – Teorias da História</b>	
	<b>MHT0003 – Seminários de Pesquisa em Cultura e Poder</b>	
Disciplinas optativas 4 créditos cada		<b>2x 4 = 8 créditos</b>
PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO	<b>MHT0004- História e Espaço</b>	
	<b>MHT0017- História e Patrimônio Cultural</b>	
	<b>MHT0018- Tópicos especiais em História, Patrimônio Cultural e Território</b>	
PODER E REPRESENTAÇÕES	<b>MHT0010- Imaginário e Poder</b>	
	<b>MHT0005- Crenças e Representações</b>	

	<b>MHT0019- Tópicos Especiais em História, Poder e Representações</b>	
EDUCAÇÃO HISTÓRICA E DIVERSIDADE CULTURAL	<b>MHT0020- História e Diversidade Cultural</b>	
	<b>MHT0021- História e Direitos Humanos</b>	
	<b>MHT0022- Tópicos Especiais em Educação Histórica e Diversidade Cultural</b>	
Desenvolvimento da dissertação e desenvolvimento de pesquisa	<b>MHT0012 - Dissertação</b>	<b>14 créditos</b>
Atividades complementares		<b>4 créditos</b>
<b>a) certificado de comunicação em evento científico nacional ou internacional (1 - um crédito cada);</b>		
<b>b) palestra ou conferência proferida em evento científico regional ou nacional (2 - dois créditos cada);</b>		
<b>c) Publicação em Anais de eventos científicos (1- um crédito cada)</b>		
<b>d) Um livro acadêmico autoral, em acordo com os critérios <i>Qualis</i> da CAPES (4 - quatro créditos);</b>		
<b>e) produção de artigo ou capítulo de livro (2- dois créditos cada);</b>		
<b>f) produção de resenha para revista acadêmica (1- um crédito cada);</b>		
<b>g) Participação obrigatória no Seminário da linha de pesquisa no terceiro semestre, sob a supervisão do(a) orientador(a) (2 - dois créditos).</b>		
Orientação individual 1 crédito por semestre	<b>MHT0013 - Orientação de Mestrado I</b>	<b>1x 4 = 4 créditos</b>
	<b>MHT0014 - Orientação de Mestrado II</b>	
	<b>MHT0015 - Orientação de Mestrado III</b>	
	<b>MHT0016 - Orientação de Mestrado IV</b>	
Integralização dos créditos		<b>42 créditos = 630 horas</b>

## Disciplinas Optativas

### **LINHA DE PESQUISA: PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO**

- Sibeli Aparecida Viana
- Deusa Maria Rodrigues Ribeiro Boaventura
- Marlene Ossami Castro Moura
- Julio Cezar Rubin de Rubin

Disciplinas		
<b>História</b>	<b>e</b>	Estudo da cidade e do espaço rural relacionado à ideia de cultura numa aproximação entre a história, a arqueologia, o urbanismo, a arquitetura e a antropologia, considerando as relações entre: paisagem, práticas espaciais, significado, simbolismo, identidade, conflitos sócio-espaciais e memória. A dimensão cultural dos conceitos de cidade, paisagem e região. A cultura como definidora de um novo olhar sobre o ambiente construído cidade e espaço rural delineado pela paisagem regional, memórias e identidades.
<b>Espaço</b>	<b>4</b>	
<b>créditos</b>		

<b>História e Patrimônio Cultural – 4 créditos</b>	Discussão dos conceitos de Memória, História, Cultura, Patrimônio, Experiência e Tradições. História da política de definição, proteção e divulgação do patrimônio brasileiro. Debates sobre a diversidade do patrimônio cultural brasileiro: sociedades indígenas, comunidades afro-brasileiras, imigrantes. Elaboraões de novas identidades culturais no mundo sob o impacto da industrialização e urbanização
<b>Tópicos especiais em História, Patrimônio Cultural e Território - 4 créditos</b>	Estudos especiais sobre a interface entre as representações do passado e a construção das identidades nacionais e dos patrimônios culturais. A edificação da memória social em suas relações com a cultura política. Historiografia e identidades coletivas.

#### ***LINHA DE PESQUISA: PODER E REPRESENTAÇÕES***

- Eduardo Sugizaki
- Eduardo Gusmão de Quadros
- Renata Cristina de Souza Nascimento
- Maria Cristina Nunes Ferreira Neto
- Ivoni Richter Reimer

<b>Imaginário e Poder – 4 créditos</b>	O estudo teórico do conceito de imaginário social; análise de algumas das principais escolas teóricas que o empregam. Estudo da construção do imaginário na cultura contemporânea e sua relação com as estruturas de poder. Reflexão sobre a importância do campo da cultura material no estudo do imaginário político. O estudo de imaginário social: a produção simbólica. Imaginário e real; Imaginário e arte; Imaginário e linguagem do poder; Imaginário e cotidiano; Imaginário e modernidades.
<b>Crenças e Representações – 4 créditos</b>	Estudo do ato de crer em suas relações com as representações sociais, a experiência religiosa e suas expressões mítico-simbólicas (linguagem religiosa).
<b>Tópicos Especiais em História, Poder e Representações – 4 créditos</b>	Abordagem teórico-metodológica da História Política renovada através de temas como partidos políticos, eleições, guerras, instituições políticas, biografias /autobiografias, opinião pública, imaginário político, conflitos sociais, representações, sensibilidades e práticas políticas, dentre outros campos temáticos; ressaltando a sua importância para a compreensão do todo social, procurando demonstrar as experiências e os debates realizados atualmente no campo da História Cultural.

#### ***LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO HISTÓRICA E DIVERSIDADE CULTURAL***

- Thais Alves Marinho
- Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro
- Marlene Ossami Castro Moura
- Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

<b>História Diversidade Cultural créditos</b>	<b>e - 4</b>	Estudo sobre as múltiplas identidades sociais e culturais e suas relações com a História. Análise de categorias identitárias, até então, tidas como minoritárias e fadadas ao desaparecimento – como: etnia, raça, sexualidade, gênero, religião, geracional, tribos urbanas, atributos estéticos e outras variações do corpo (como obesidade, ananismo, gigantismo, mutilação, ausência ou deformação congênita de membros, disfunção de membros ou sentidos). Análise histórica sobre o tratamento concedido a esses grupos na política, no mercado de trabalho, na escola etc.
<b>História Direitos Humanos créditos</b>	<b>e - 4</b>	Estudo das relações entre História e Direitos humanos, a partir da tensão entre igualdade e diferença. Análise da política do igual respeito iluminista e suas implicações para a história, até as políticas de reconhecimento. Desse modo, estuda-se como formar cidadãos para a vida e para a convivência em sociedade, com o respeito ao outro, reconhecendo as diferenças, respeitando a diversidade, enfrentando todas as formas de preconceito e discriminação.
<b>Tópicos Especiais Educação Histórica Diversidade Cultural créditos</b>	<b>em e - 4</b>	Estudos especiais sobre a relação entre História e educação: Didática da História, Metodologias, Ações Afirmativas, ética e História, educação formal e informal

#### BIBLIOGRAFIAS BÁSICAS DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS

##### LINHA DE PESQUISA: PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO

- HISTÓRIA E ESPAÇO

Ementa: Estudo da cidade e do espaço rural relacionado à ideia de cultura numa aproximação entre a história, o urbanismo, a arquitetura e a antropologia, considerando as relações entre: paisagem, práticas espaciais, significado, simbolismo, identidade, conflitos sócio-espaciais e memória. A dimensão cultural dos conceitos de cidade, paisagem e região. A cultura como definidora de um novo olhar sobre o ambiente construído cidade e espaço rural delineado pela paisagem regional, memórias e identidades.

Créditos: 04

Carga Horária: 60

##### Bibliografia Básica:

ARANTES, Antônio Augusto (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

ARANTES, Oflia, VAINER, Carlos, MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 460-475, Dec. 2006. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752006000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000200012&lng=en&nrm=iso)>. access on 16 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000200012>.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. **Cidades de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34/ EDUSP, 2011.

CAUQUELIN, Anne. **L'invention du paysage**. Paris: Quadrige; PUF, 2000.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade; Ed.UNESP, 2001.

FERREIRA, Álvaro. **A cidade no século XXI: segregação e banalização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

FRUGOLI JR, Heitor, ANDRADE, Luciana Teixeira, PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC/ Minas/ Edusp, 2006, p. 117-197.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JEUDY, Henri-Pierre. **Espelho das cidades**. Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

RYKWERT, Joseph. **A ideia de cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil? território e sociedade no início do século XX**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

- HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Ementa: Discussão dos conceitos de Cultura, Patrimônio e Tradições. História da política de definição, proteção e divulgação do patrimônio cultural brasileiro. Debates sobre a diversidade do patrimônio cultural brasileiro a partir de tradições culturais que

contribuíram para formação do povo brasileiro (sociedades indígenas, comunidades afro-brasileiras e grupos de imigrantes). Elaboraões de novas identidades culturais no mundo sob o impacto da industrialização e urbanização.

Créditos: 04

Carga Horária: 60

Bibliografia Básica:

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/ UNESP, 2001

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. O ofício do historiador: sobre ética e patrimônio cultural. In: **Oficina De Pesquisa: A Pesquisa Histórica No Iphan**, 1, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2008.

CURY, Isabelle (Org.). **Cartas patrimoniais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Iphan, 2004

FONSECA, C. **Para além da Pedra e Cal: por uma concepção ampla de Patrimônio Cultural**. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro DP&A, 2003, pp.56-76.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. In: **Historiae**, Rio Grande, 3(3), 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo. Antropologia dos objetos. Teorias antropológicas e objetos materiais. Antropologia dos objetos: **coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro, 2007.

KNAUSS, P. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006

LARA, Silvia Hunold. Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico. **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 17-39, dez. 2008

LARAIA, Roque de Barros. **O Patrimônio como Valor Nacional**. Texto avulso. 2001.

LIRA, José Tavares Correia de. Arquitetura, historiografia e crítica operativa nos anos 1960. In: SEGRE, Roberto et al. **Arquitetura+arte+cidade: um debate internacional**. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. Patrimônio Cultural e escrita da história: a hipótese do documento na prática do Iphan nos anos 1980. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 24, n. 3, p.

121-147, Dec. 2016 . Available from  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-47142016000300121&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142016000300121&lng=en&nrm=iso)>. access  
on 16 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672016v24n0305>.

NUNES, Heliane Prudente. Fluxos migratórios em Goiás. In: **UFG desafiando o futuro.Goiânia**: UFG, 2001.

POULOT Dominique. A razão patrimonial na Europa do século XVIII ao XXI. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional**. História. Brasília. N. 34, 2012.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2008

SILVEIRA Flávio Leonel Abreu da; BEZERRA, M. , Educação Patrimonial: Perspectivas e Dilemas. **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. **ABA-Associação** Brasileira de Antropologia/Nova Letra, Blumenau, 2007, pg. 81-100

TOURNIKIOTIS, Panayotis. **The histography of modern architecture**. Cambridge: The MIT Press, 1999

VELHO Gilberto. Patrimônio, Negociação e Conflito. **MANA** 12(1): 237-248, 2006.

WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013

- TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA, PATRIMÔNIO CULTURAL E TERRITÓRIO

Créditos: 04

Carga Horária: 60

Ementa: Estudos especiais da interface entre as representações do passado e a construção das identidades nacionais e dos patrimônios culturais. A edificação da memória social em suas relações com a cultura política. Historiografia e identidades coletivas.

Nível: Mestrado Acadêmico

Créditos: 04

Carga Horária: 60

### Bibliografia Básica:

ALVES, Elder Patrick Maia. Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global. **Soc. estado.**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 539-560, Dec. 2010. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922010000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000300007&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000300007>.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.( Cap. VII “Disseminação- o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”.

HOBSBAWM, Eric. J. **Nações e Nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Lisboa: Edições 70, 2005.

SILVA, Maria Odila Dias da. **A Interiorização da Metrópole**. In: A Interiorização da Metrópole e outros estudos. São Paulo: Alameda, 2005

MALERBA, Jurandir. **A Corte no Exílio- Civilização e poder no Brasil às vésperas da Independência (1808 a 1821)**. São Paulo: Cia das Letras, 2003

DOSSE, François. **A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico na França nos séculos XIX e XX**. In: A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

LEITE, Dante Moreira. **O Caráter Nacional Brasileiro**. 7ª Ed. São Paulo: Ed.UNESP, 2002

SCHWARCZ, Roberto. **Nacional por Subtração**. In: Que horas são? São Paulo: Cia das Letras, 2006.

SOUZA, Candice Vidal . **A pátria geográfica**. Goiânia: Ed. UFG, 1997 ( cap. 2)

VELLOSO, Mônica Pimenta. **A Brasilidade Verde- Amarela: nacionalismo e regionalismo paulista**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11, 1993

MUNIZ, Durval. **A invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2009

LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, UCAM, Revan, 1999.

GEARY Patrick. **Mitos e Nações**: a invenção do nacionalismo. SP; Conrad Editora do Brasil, 2005.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala. **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Aguilar, 2005.

NETO, Maria Cristina N. Ferreira. O Olhar Analítico de um observador vigilante. **Revista História Social**. Viagens e Narrativas. IFCH/UNICAMP. Campinas, SP, No. 10, 2003, p.149-179.

CAVALCANTE, Maria E S R. **Representação Política e Identidade Regional**.Jornal Diário da Manhã, 05/08/2001

KOSELLECK, R. **The practice of conceptual history**. California: Standford University, 2002.

MALERBA, Jurandir (org.). **A história escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

ORY, Pascal (org.). **Nouvelle histoire des idées politiques**. Paris: Hachette, 2000.

WERNER, M. e Zimmermann, B. **Penser l histoire croisée**: entre empirie et reflexivité. Annales - Histoire, Sciences Sociales, 58, 1, 2003, pp. 7-34.

LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO HISTÓRICA E DIVERSIDADE CULTURAL

- HISTÓRIA E DIREITOS HUMANOS

Créditos: 04

Carga Horária: 60

## EMENTA:

Estudo das relações entre História e Direitos humanos, a partir da tensão entre igualdade e diferença. Análise da política do igual respeito iluminista e suas implicações para a história, até as políticas de reconhecimento. Desse modo, estuda-se a formação de cidadãos para a vida e para a convivência em sociedade, com o respeito ao outro, por meio do reconhecimento das diferenças, do respeito à diversidade, e do enfrentamento a todas as formas de preconceito e discriminação.

Créditos: 04

Carga Horária: 60

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino. Universidade da Beira Interior Covilhã, Portugal, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** RJ: Jorge Zahar Editor, 2005,

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, Sept. 2012. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302012000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000300004&lng=en&nrm=iso). access on 29 Sept. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302012000300004>.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova**, São Paulo, n. 70, p. 101-138. 2007.

FREYRE, G., **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Ed. Global, 2012

GUIMARÃES-Iosif, Ranilce. Contexto social e político da educação brasileira: entrelinhas de uma história de negligência e exclusão. In: **Educação, Pobreza e Desigualdade no Brasil - Impedimentos para a Cidadania Emancipada**. Brasília: Líber Livro, 2009

HADDAD, S. **O direito à educação no Brasil**; Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação. Curitiba: DhESC Brasil, 2004.

MARINHO, Thais A. **As nuances do Reconhecimento: entre a Omissão e o Respeito**. In: FARIAS, Edson e Lipschitz, Javier. A modernização na América Latina. Brasília. Editora UnB, 2011.

MOREIRA, M. S.; MORAES, R. M. Uma ideia de metodologia de Ensino de História Cultural. **Revista Didática Sistemica**. Volume 2, Janeiro-março de 2006

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento**. RJ Bertrand Brasil, 2001.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em . Acesso em 01/10/2017

PESAVENTO, S. J. Cultura e Representações, uma trajetória. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006

PIOVESAN, F. Concepção contemporânea de direitos humanos. In: HADDAD, S.; GRACIANO, M. **A educação entre os direitos humanos**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Ação Educativa, 2006. p. 11-42

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: A Inovação em história**. SP: Paz e terra, 2000, p.114.

ROUANET, P. S. **Mal-estar na modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, B.S. Uma concepção multicultural dos Direitos Humanos. **Lua Nova**, São Paulo, n. 29, p. 105-124, 1997.

SANTOS, B.S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

TAYLOR, Charles; et al. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento** (Trad. Marta Machado). Lisboa: Piaget, 1998.

- HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL

Ementa: Estudo sobre as múltiplas identidades sociais e culturais e suas relações com a História. Análise de categorias identitárias como: etnia, raça, sexualidade, gênero, religião, geracional, tribos urbanas, atributos estéticos e outras variações do corpo. Análise histórica sobre o tratamento concedido a esses grupos na política, no mercado de trabalho, na escola etc.

Créditos: 04

Carga Horária: 60

Bibliografia Básica:

ORTIZ, Renato. Diversidade cultural e cosmopolitismo. **Lua Nova**, São Paulo , n. 47, p. 73-89, Aug. 1999 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64451999000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451999000200005&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451999000200005>.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015.

FLORES, Elio Chaves. Etnicidade e ensino de História: a matriz cultural africana. **Tempo**, Niterói , v. 11, n. 21, p. 65-81, June 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042006000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042006000200006&lng=en&nrm=iso)>. access on 01 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-77042006000200006>.

MEC, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**, Brasília, SEPIR/SECAD/INEP, junho de 2005

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África atlântica**, Rio de Janeiro, Campus, 2004

LOPES, Nei. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**, São Paulo, Selo Negro, 2004

MATTOS, Hebe Maria. O Ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: Martha Abreu e Rachel Soihet (orgs.), **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003

OLIVEIRA, Margarida Dias de (org.), **Contra o Consenso: LDB, DCN, PCN e reformas no ensino**, João Pessoa, Associação Nacional de História/Núcleo da Paraíba, 2000.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e “o feminismo da diferença”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 13 (3): 320,

set./dez. 2005. Disponível em :  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000300014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300014)

PEDRO, Joana Maria. Um diálogo sobre Mulheres e História. 1- Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2), julho/dezembro, 2003

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24 (1), p. 77-98 (ISSN 010190-74) 2006.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC 2005

MATOS, Maria Izilda S. de. Da invisibilidade ao gênero: percurso e possibilidades. In: **Revista Fragmentos de Cultura** (História e Gênero). Goiânia: Ed. UCG, v. 12 n.6, Nov. / dez. 2006

RIAL, Carmen Silva e TONEL, Maria Figueiras. **Genealogias do silêncio: feminismo e gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2004

LAURETIS, Tereza de. **Technologies of Gender**. Essays on Theory, Film, and Fiction. Indiana University Press, USA, 2010

GIACOMINI, Sônia Maria. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. **Estudos Feministas**. Vol. 14, n 1, 2006, p. 85-101. Disponível em [www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/12112009-031129giacomini.pdf](http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/12112009-031129giacomini.pdf)

KAUFMAN, Susana. (org.) **Subjetividad y figuras de la memoria**. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Iberoamericana; Nueva York: Social Science Research Council, 2006.

SOIHET, Rachel ; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**, v. 27, p. 281-300, 2007.

BONNETI, Alinne e LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de (Org.). **Gêneros, mulheres e feminismos**. Salvador: EDUFBA: NEIM, 2011

LAGO, Mara Coelho, WOLFF, Cristina Sheibe. Masculinidades, Diferenças, Hegemonias. **Rev. Estud. Fem.** vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2013. Disponível em : [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100013](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100013)

- TÓPICOS ESPECIAIS EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA E DIVERSIDADE CULTURAL

Ementa: Estudos especiais sobre a relação entre História e educação: Didática da História, Metodologias, Ações Afirmativas, ética e História, educação formal e informal

Créditos: 04

Carga Horária: 60

Bibliografia Básica:

RÜSEN, Jörn. Razão histórica - **Teoria da história**: fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. Reconstrução do passado - **Teoria da história II**: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007a.

RÜSEN, Jörn. História viva - **Teoria da história III**: forma e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007b.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História**. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de história**: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos. Editora da PUC Goiás, 2012.

ASHBY, Rosalyn; ASHBY, Rosalyn; LEE, Peter. Children's Concepts of Empathy and Understanding. In: PORTAL, C. (ed.) **The History Curriculum for Teachers**, Falmer Press, 1987.

BARCA, Isabel (org). **Jornadas Internacionais de Educação Histórica**, II. 2001. Portugal. Atas: Educação Histórica e Museus. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2003.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org). **Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Portugal Atas: Perspectivas em Educação Histórica. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2001.

**LINHA DE PESQUISA: PODER E REPRESENTAÇÕES**

- IMAGINÁRIO E PODER

Ementa: O estudo teórico do conceito de imaginário social; análise de algumas das principais escolas teóricas que o empregam. Estudo da construção do imaginário na cultura contemporânea e sua relação com as estruturas de poder. Reflexão sobre a importância do campo da cultura material no estudo do imaginário político. O estudo de imaginário social em suas diversas manifestações (na cultura formal e na cultura informal) pertinentes à realidade brasileira: a produção simbólica. Imaginário e real; Imaginário e arte; Imaginário e linguagem do poder; Imaginário e cotidiano; Imaginário e modernidades.

Créditos: 04

Carga Horária: 60

Bibliografia Básica:

ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. A contradança festeja o rito nas encantarias do imaginário goiano. In: OLIVEIRA, Maria de Fátima et al. (Orgs.). **Festas, religiosidades e saberes do Cerrado**. Anápolis: Ed. da UEG, 2015. p. 115-150.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 10.ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007a.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. (Introd., org. e seleção de Sérgio Miceli). 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2007b. p. 27-78.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam. In: OLIVEIRA, Maria de Fátima et al. (Orgs.). **Festas, religiosidades e saberes do Cerrado**. Anápolis: Ed. da UEG, 2015. p. 25-72.

CASTORIADIS, Cornelius. **O feito e a ser feito**. Rio de Janeiro, DP & A, 2000.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CROATTO, José Severino. **As Linguagens da Experiência Religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300-1800 – uma cidade sitiada. Tradução de Maria L.Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.462-522.

ECO, Umberto. **História das Terras e Lugares Lendários**. São Paulo: Record, 2013.

ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: Reflexões acerca de sua utilização pela história. **Textura**, Canoas, v. 9, p. 49-56, 2003-2004.

FONTANA, Josep. **A Europa Diante do Espelho**. Bauru (SP): EDUSC, 2005.

GIMENEZ, José Carlos. A presença do imaginário medieval no Brasil colonial: descrições dos viajantes. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 207-213, 2001.

JOFFILY, Olívia R. O corpo como campo de batalha. In: PEDRO, Maria Joana; WOLFF, Cristina Scheibe. **Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Mulheres, 2010. p. 225-245.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 271-304.

NASCIMENTO, Renata Cristina de S.; SOUZA, Armênia M. **Mundos Ibéricos: territórios, gênero e religiosidade**. SP: Editora Alameda, 2017.

- CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES

Ementa: Estudo do ato de crer em suas relações com as representações sociais, a experiência religiosa e suas expressões mítico-simbólicas (linguagem religiosa).

Créditos: 04

Carga Horária: 60h

ARMSTRONG, Karen. *Breve história do mito*. Tradução de Celso Nogueira. 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Bibliografia Básica:

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas**: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis. Tradução de Roberto C. de Lacerda. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2010

QUADROS, Eduardo Gusmão de; SILVA, Maria da Conceição (Orgs.). **Sociabilidades religiosas**: mitos, ritos e identidades. São Paulo: Paulinas, 2011.

RAMOS, Alcides F.; COSTA, Cléria B. de; PATRIOTA, Rosângela (Orgs.). **Temas de história cultural**. São Paulo: HUCITEC Ed., 2012.

RIVIERE, Claude. **Ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SILVEIRA, João Paulo de Paula; REIMER, Haroldo. Prolegômenos para uma história cultural das religiões. In: \_\_\_\_; PROTO, Leonardo Venicius Parreira (Orgs.). **Primeiros Diálogos**: uma introdução à reflexão histórica. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 61-72.

SMITH, Wilfred Cantwell. **O sentido e o fim da religião**. Tradução Geraldo Korndoerffer. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2006.

TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da Religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2003.

- TÓPICOS ESPECIAIS EM HISTÓRIA, PODER E REPRESENTAÇÕES

Ementa: Abordagem teórico-metodológica da História Política renovada através de temas como partidos políticos, eleições, guerras, instituições políticas, biografias /autobiografias, opinião pública, imaginário político, conflitos sociais, representações, sensibilidades e práticas políticas, dentre outros campos temáticos; ressaltando a sua importância para a compreensão do todo social, procurando demonstrar as experiências e os debates realizados atualmente no campo da História Cultural.

Créditos: 04

Carga Horária: 60

#### Bibliografia Básica:

ARENDT, Hannah. **O que é política?** 3ª ed. RJ: Bertrand Brasil, 2002.

BORGES, Vavy Pacheco. Biografia e memória: Gabrielle Brune-Sieler, uma vida (1874-1940). IN: **Memória e (re)sentimentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BRESCIANI, M<sup>a</sup> Stella M, BREPOHL, Marion e SEIXAS, Jacy A. (org.) **Razão e Paixão na política**. Brasília: Ed. UnB, 2002.

BRESCIANI, M<sup>a</sup> Stella M. e NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (re)sentimentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BRESCIANNI, M.<sup>a</sup> Stella M. **O charme da ciência e a sedução da objetividade:** Oliveira Viana entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

BRESCIANNI, M.<sup>a</sup> Stella M., BREPOHL, Marion e SEIXAS, Jacy A. (orgs.) **Razão e Paixão na política.** Brasília: Ed. UnB, 2002.

DORÉ, Andréa (Org). **Facetas do Império na História:** Conceito e Métodos. SP: Hucitec, 2008

GINSBURG, Carlo. **Relações de força:** história, retórica, prova. SP: Cia das Letras, 2002.

MARSON, Izabel Andrade. **Política, história e método em Joaquim Nabuco:** tessituras da revolução e da escravidão. Uberlândia: Ed. EDUFU, 2008.

### Disciplinas Obrigatórias

HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS – 4 créditos	Análise da formação do paradigma cultural nas Ciências Humanas, seus principais enfoques e problemas. História e interdisciplinaridade: limites e possibilidades
TEORIAS DA HISTÓRIA – 4 créditos	Perspectivas recentes da História Cultural. Temas e métodos em voga na historiografia recente.
SEMINÁRIOS DE PESQUISA EM CULTURA E PODER – 4 créditos	O curso se propõe a oferecer subsídios teóricos e metodológicos que contribuam para a elaboração de projetos e realização de pesquisas em ciências humanas, mais especificamente em história e cultura, bem como sua elaboração escrita, com o estudo e uso das normas técnicas para a construção de trabalhos acadêmicos.

- HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS

Ementa: Análise da formação do paradigma cultural nas Ciências Humanas, seus principais enfoques e problemas.

Créditos: 04 hs

Carga Horária: 60h

Bibliografia Básica:

ARRUDA, Ângela. Feminismo, Gênero e Representações Sociais. In: NAVARRO-SWAIN, Tania (org.). Feminismos: teorias e perspectivas. **Textos de História**: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UnB. Vol 8, n.1 e 2 Brasília: UnB, 2000.

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 659-688, nov. 2013

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, 2006, p.329-365.

BRESCIANI, M<sup>a</sup> Stella M. e NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (re)sentimentos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. **O que é História cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

CHARTIER, Roger. **A beira da falésia**: A história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas** 1, p.171-189, 2002.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas del feminismo antirracista. **Nómadas**, 26, Colombia, 2007, p. 92-101.

DESCARRIES, Francine. Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural. **Revista Textos de História**. Feminismos: teoria e perspectivas. Brasília: UnB, 2000. vol.8, n.1/2, p. 09-46.

DOSSE, François. **O império do sentido**. Trad. Fernanda Abreu. São Paulo: Edusc, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força** - História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GREENBLAT, S. e GALLAGHER, C. **A prática do novo historicismo**. São Paulo:

Edusc, 2005.

HALL, Stuart. **El espectáculo del otro**. Sin garantías: trayectorias y problemáticas em estudios culturales. Corporación Editorial Nacional, Ecuador, 2013.

JENKIS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

KOSELLECK, R. **The practice of conceptual history**. California: Standford University, 2002.

LASMAR, Cristiane. Mulheres indígenas: representações. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 7, p. 143-156, 1999.

MARINHO, Thais Alves. Subjetividade e Memória Social: uma abordagem transdisciplinar. Dossiê Multimodalidade da Memória: Narrativa e Teoria Social. **Arquivos do CMD**, Volume 4, N.1. Jan/Jun 2016

NAVARRO-SWAIN, Tania. Os limites discursivos da história: imposição de sentidos. *Labrys: Revista de Estudos Feministas*, nº 9, 2006. Disponível em: Acesso em 02 jun. 2006.

- TEORIAS DA HISTÓRIA

Ementa: Reflexão crítica sobre diversas tendências, debates, reflexões teóricas e proposições de historiadores a respeito das perspectivas da história como disciplina a partir de eixos temáticos como a relação entre memória, poder e produção do conhecimento histórico; as problemáticas da escrita da história, as tensões e convergências entre história e outras disciplinas (literatura, antropologia, arqueologia) e os novos rumos da História Cultural, sublinhando os deslocamentos temáticos e os enfrentamentos teóricos mais importantes ocorridos na atualidade.

Créditos: 04 hs

Carga Horária: 60h

Bibliografia Básica:

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM. (orgs). **História oral: desafios para o século XXI** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales** (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. 2ªed São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

BURKE, P.(org.) **A escrita da História**. Novas Perspectivas, 2ªed. SP: Unesp, 2011.

CERTEAU, Michel. **A Escrita da história**, 3ªed,RJ, Forense, 2013.

CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise entre ciência e Ficção**. Belo Horizonte. Autêntica, 2011

CHARTIER, R. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, vol. 7, nº13, 1994, pp. 97-113.

DOSSE, F. **A história à prova do tempo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

DROYSEN, Johann G. **Manual de teoria da história**. Trad. Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis: Vozes, 2009.

FEBVRE, L. **Combates pela História**, Lisboa: Presença, vol. I, 1977.

GINSBURG, Carlo. **Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância**. SP: Cia das Letras, 2001.

GINSBURG, Carlo. **Relações de força: história, retórica, prova**. SP: Cia das Letras, 2002.

GIANNATTASIO, Gabriel e IVANO, Rogerio. **Epistemologias da História**. Londrina: Eduel, 2011

HARTOG, F. **Evidência da História**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.

HARTOG, François. Experiências do tempo: da história universal à história global? **Revista História**, Histórias, UnB, Vol.1, num.1, 2013.

KOSELECK, Reinhart.. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

QUADROS, E. G. Derrida revoluciona a história? **Revista de História e Estudos Culturais**, vol.6, num.3, dez. 2009.

REIS, José Carlos. **Teoria e História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2012

REVEL, Jacques. **Jogo de Escalas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1998.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Ed. UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. Tópica. **História Viva. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico.** Brasília: Editora da UnB, 2007.

SCHORSKE, Carl E., **Pensando com a História:** indagações na passagem para o Modernismo, SP, Cia das Letras, 2000.

- SEMINÁRIOS DE PESQUISA EM CULTURA E PODER

Ementa: Conhecer, discutir, analisar e problematizar estudos que concentram-se nas representações do poder e nas práticas culturais das sociedades, procurando demonstrar as experiências e os debates realizados atualmente no campo da História Cultural; promovendo uma discussão mais aprofundada das questões práticas pertinentes ao ofício do historiador/pesquisador, tais como: objetos de pesquisa, documentos na pesquisa histórica e a construção do trabalho do historiador, métodos e técnicas de pesquisa em história, dentre outras.

Nível: Mestrado Acadêmico

Créditos: 04

Carga Horária: 60h

#### Bibliografia Básica:

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história:** da escolha do tema ao quadro teórico. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2015

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.  
SAID, Edward. **Cultura e Política.** Trad. Luiz Bernardo Pericás. SP: Boitempo, 2003.  
BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural.** RJ: Civilização Brasileira, 2000.

DARNTON, Robert. **O Grande Massacre de Gatos:** e outros episódios da história cultural francesa. – São Paulo: Graal, 2011

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese.** Tradução de Gilson C.C. de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, 2ª edição, 2ª reimpressão, 2007.
- HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**. Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- SAID, Edward. **Cultura e Política**. Trad. Luiz Bernardo Pericás. SP: Boitempo, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- RICHTER REIMER, Ivoni. **Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

## **ESTRUTURA FÍSICA**

O PPGHIST estava localizado até meados do ano de 2014 na área II da PUC Goiás. A secretaria e a coordenação possuíam salas amplas e equipadas. Toda a área II possui rede de acesso wireless com boa velocidade. A área ainda possui um auditório climatizado para 200 pessoas, dois miniauditórios para 80 pessoas e um terraço para atividades com cerca de 100 pessoas. No bloco C desta mesma área, os mestrandos tinham acesso ao Laboratório de informática, dotado de 51 computadores conectados à Internet e três impressoras.

No segundo semestre de 2014, o PPGHIST mudou seu local de funcionamento. A PUC Goiás construiu um novo prédio com cinco andares para reunir os cursos de licenciatura e as pós-graduações na área das Ciências Humanas. O novo local de trabalho criou uma secretaria única das pós-graduações, com 04 funcionários, onde está inserida a secretaria do Programa de Pós-Graduação em História. A coordenação está com sala bem mais ampla, dispondo de computador, impressora/scanner e armários e mesa para pequenas reuniões. Todo o ambiente é climatizado.

No primeiro andar do prédio foi criado um amplo laboratório de informática composto por 3 salas e 20 computadores conectados à internet em cada, totalizando 60. Foram instalados no quarto andar 11 gabinetes de orientação, com mesa, cadeiras, computadores em rede e impressora disponíveis. Também possui uma área de descanso para os pós-graduandos(as).

Para o curso de História de modo particular, há o espaço do Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em História (NIEPEH), que contém doações bibliográficas de docentes e ex-docentes, além de reunir os TCC's dos que concluíram o curso. O PPGHIST possui acesso livre a este espaço, contribuindo com sua gestão. Há ainda uma sala para reunião dos Grupos de Pesquisa (cinco) que funcionam integrados a pós e a graduação em História.

Além disso, existe o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) criado em 1997. O IPEHBC possui documentação que inclui livros de memórias, diários privados, cartas, atas, fotografias, relatórios de diversas naturezas, organizados e digitalizados para consulta. Guarda em sala especial, climatizada, uma coleção de obras raras. Possui 17.292 documentos manuscritos dos séculos XVIII, XIX e XX. Além disso, o acervo possui 98 jornais dos séculos XIX e XX (coleções completas) sendo que destes, 25 já estão microfilmados. Lá está arquivada a documentação trazida de Portugal pelo Projeto Resgate pertinente à Capitania de Goiás.

-Na secretaria e sala de coordenação existem dois computadores, um notebook, duas impressoras com scanner, dois aparelhos de data-show, uma máquina fotográfica digital, uma filmadora.

-No NIEPEH: dois computadores e uma impressora.

-Nas salas de atendimento e orientação existem onze computadores com acesso à internet, um em cada sala.

- Nas três salas que servem de laboratório de informática para o corpo discente, estão instalados 20 computadores, totalizando sessenta.

- Todo o prédio da Escola de Formação de Professores e Humanidades é coberta por rede de internet sem fio e gratuita.

-No espaço da Biblioteca Central da PUC Goiás estão disponíveis 40 computadores conectados e a acesso a rede wireless com boa velocidade.

O sistema de bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – SIBI-PUC GOIÁS - contempla as Áreas de Ciências Agrárias, Biológicas, Humanas, Exatas e da Terra, Sociais Aplicadas, Letras, Engenharia/ Tecnologia, Médica. Os Postos de Atendimento são vinculados tecnicamente à Biblioteca Central e são responsáveis pelo oferecimento de produtos e serviços de informação à comunidade universitária, necessários para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O acervo é formado por várias coleções: a Coleção didática (acervo geral) com 71 títulos e 213.539 exemplares; a Coleção de Periódicos, com 3.514 títulos e 141.325 fascículos; a Coleção especial com folhetos (5.831) Teses e Dissertações (1.984), mapas (150); documentação goiana (4.123 títulos e 8.245 exemplares), anais de eventos (2.478 títulos) e outros materiais ainda não processados; a Coleção de Obras Raras (ainda não processada); a Coleção de Reserva, dividida em Coleção de Referências (4.460 títulos) e Coleção Multimídia (Fitas de vídeo: 2.102, CD-Roons: 523, DVDs 127 e outros ainda não processados). Os periódicos da área de história tem 115 títulos e mais de 2.259 fascículos, entre nacionais e estrangeiros.

As bases científicas disponíveis estão em expansão, destacando-se o acesso ao portal PERIÓDICOS CAPES. Os demais portais de pesquisa são: Lilacs – base de dados em ciências da saúde, literatura latino-americana e do Caribe; Medline – literatura internacional em medicina e biomedicina, produzida pela National Library of Medicine; Datalegis – base de dados jurídica, contém, também, índices economico-sociais; Unibibli – banco de dados UNESP, UNICAMP E USP; SCIELO – Scientif Eletronic Library Online (base de dados de periódicos latinoamericano); PAHO – acervo da biblioteca da Organização Pan-Americana da Saúde; REPIDISCA – literatura em Engenharia Sanitária e Ciências do Ambiente; DESASTRE – acervo do Centro de Documentação de Desastres; ADOLEC – Saúde na Adolescência; BDEFN – Enfermagem, HomeoIndex – homeopatia; LEYES – legislação básica da saúde da América Latina e Caribe; Portal da CAPES – acesso as publicações de domínio público; BDTD – Biblioteca de Teses e Dissertações (IBICT) Bioline International; BioMed Central; Central Online ande Open Acces Library (COOL); DOAJ – Directory OF Open Access Journals (Lund University Libraries); Eletronic Journais Library (Max Planck Society); HighWare: Free Online Full Text

Articles; J-STAGE – Japan Society and Technology information Aggregator Eletronic; Molecular Diversity Preservation Internation (MDPI); PubMed Central: An Archive of Science Journal (U.S. National Library); Science Direct; Scopus; Demais bases de domínio público.

A PUC Goiás conta ainda com a PUC TV, que diariamente atinge bons índices no Ibope regional e permite veicular matérias relativas às pesquisas executadas, bem como difundir os eventos da área. O setor de comunicações possui excelente interação com a mídia local e os docentes são convidados com frequência para tratar de temas históricos e de acontecimentos da sociedade atual.

As notícias relativas às atividades do Programa de Pós-Graduação em História são disponibilizadas diariamente no site da PUC Goiás e no jornal chamado PUC Acontece.

O Programa conta também com uma página do Facebook (<https://www.facebook.com/pg/P%C3%B3s-Gradua%C3%A7%C3%A3o-em-Hist%C3%B3ria-PUC-GO-298807663636502/posts/>) e um site institucional (<http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-historia/>).

## **PARCERIAS, COOPERAÇÃO, PROJETOS E MOBILIDADE DOCENTE**

Os intercâmbios com outras instituições vem proporcionando inovações significativas nas atividades do PPGHIST. Destacamos a possibilidade viabilizada pelo PROCAD dos alunos e alunas cursarem disciplinas na Universidade de Brasília, respirando outros ares acadêmicos e interagindo com outras vertentes de pesquisa. Os estágios pós-doutorais, realizados pelo corpo docente, e a nossa nova experiência de acolher doutores tem sido outra oportunidade aberta em 2014. Uma terceira forma de intercâmbio e troca de experiências é a Revista Mosaico, com dossiês organizados por docentes de outras instituições, bem como a contribuição através de artigos científicos.

Os laços com o Programa de Mestrado em Performances Culturais e o programa de Pós-Graduação em História da UFG possibilitam também importantes trocas de conhecimento. O Simpósio Integrado de Pesquisa em História, organizado em conjunto

com os PPGs do Centro-Oeste, possibilitam a apresentação e a avaliação dos trabalhos de pesquisa, essa atividade tornou-se obrigatória para o alunado.

Uma das estratégias com resultado positivo no ano de 2016 foi a busca de melhorar a internacionalização visando alcançar alto nível e produção de conhecimento científico relevante. Diversas publicações do corpo docente ocorreram em parceria com pares estrangeiros qualificados, especialmente aquelas da Professora Sibeli Aparecida Viana, bolsista de produtividade do CnPQ que tem parceria com a Universidade de Paris para seu projeto de pesquisa. Além disso, ao longo do quadriênio tivemos várias oportunidades de geração de conhecimento em colaboração com pesquisadores estrangeiros por meio de um curso oferecido no Programa pelo Dr. Giovani Levi, da Universidade de Veneza; por meio de conferência proferida por Dr. Laurent Vidal, da Universidade de La Rochelle, no II Congresso Internacional de História da PUC Goiás; por meio do prof. Roger Chartier como conferencista do VII Seminário de Pesquisa Histórica de Goiás; por meio do grupo de História Medieval, que realizou evento em parceria com a UFG e participação de docentes lusitanos; por meio de estágios de pós-doutoramento realizados pelas professoras Maria do Espírito Santo Cavalcante Ribeiro na França na Universidade de Paris e da Renata Cristina de Sousa Nascimento coordenadora do grupo de História Medieval que foi para Portugal na Universidade de Coimbra.

## **REFERÊNCIAS DE INTERCÂMBIO - 2013 - 2016 – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (PPGHIST)**

<b>PARCERIAS, COOPERAÇÕES E PROJETOS</b>	
<b>Instituição parceira/cidade/país</b>	<b>Objetivo</b>
Universidade federal de Sergipe.	Organização de dossiê -revista mosaico
Universidade Federal de Feira de Santana	Organização de dossiê -revista mosaico
Universidade Estadual de Goiás	Organização de dossiê -revista mosaico
Universidade Federal de Ouro Preto	Organização de dossiê -revista mosaico
Universidade Federal do Tocantins	Organização de dossiê -revista mosaico
Universidade Federal do Rio Grande do sul/ Universidade Federal Fluminense	Organização de dossiê -revista mosaico

Programa de Pós-graduação em Performances Culturais/UFG	Projeto de livro internacional
Universidade Federal de Mato Grosso	Estágios pós-doutorais
UFG/UNB/UEG	Simpósio Integrado de Pesquisa em História
Universidade de Brasília	PROCAD/CAPES
UFG	Rede de Pesquisas em Performances Culturais
UFG/MINC	Projeto em Economia Criativa
Université de Paris	Projeto de Pesquisa History Archeology
Universidade de Coimbra	Projeto de Pesquisa

Fonte: Secretaria da EFPH – Dados dos dois últimos anos.

MOBILIDADE DOCENTE - DO MHIS PARA OUTRAS IES		
Docente	Instituição parceiras/cidade/país que recebeu o docente do PPGHIST	Objetivo
Renata Cristina Nascimento	Portugal	Bolsa de pós-doutorado em Portugal
Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante	França	Bolsa de pós-doutorado na França
Thais Alves Marinho	Portugal	Participação em Congresso Internacional (CONLAB)
Ivoni Reimer	Portugal	Grupo de Pesquisa Universidade de Coimbra

Fonte: Secretaria da EFPH – Dados dos dois últimos anos.

MOBILIDADE DOCENTE - DE OUTRAS IES PARA O MHIS
--

Docente	Instituição parceira/cidade/país que enviou docente para o PPGHIST	Objetivo
Cristiane T. A. Cezórzimo Gomes	Universidade Federal do Mato Grosso	Estágio pós-doutoral

Fonte: Secretaria da EFPH – Dados dos dois últimos anos.

CONFERENCISTAS ESTRANGEIROS QUE PROFERIRAM PALESTRAS, CONFERÊNCIAS, AULAS MAGNAS, MINICURSOS		
Conferencista	Origem	Objetivo
João Furtado	Universidade Federal de Minas Gerais	Aula inaugural de 2015
Andrea Doré	Universidade Federal do Paraná	Abertura - Seminário de Pesquisa em História
Cristiane do Amaral	Universidade Federal do Mato Grosso	Aula inaugural de 2016
Giovani Levi	Universidade de Veneza,	Módulo da Disciplina – História e Estudos Culturais
Laurent Vidal	Universidade de La Rochelle	Conferência no II Congresso Internacional de História da PUC Goiás
Roger Chartier	Collège de France	Conferência no VII Seminário de Pesquisa Histórica de Goiás

Fonte: Secretaria da EFPH – Dados dos dois últimos anos.

## **INTEGRAÇÃO COM A GRADUAÇÃO**

O PPGHIST e a graduação em História da PUC Goiás vem trabalhando conjuntamente em atividades ligadas a pesquisa e divulgação de conhecimentos científicos. Na última reforma curricular, as linhas do mestrado foram adotadas pela graduação, acrescentando-se uma terceira voltada particularmente para a educação histórica,

já que se trata de um curso de licenciatura. Os professores do PPGHIST integram tais linhas de pesquisa e orientam os Trabalhos de Conclusão de Curso.

A conferência inaugural, que ocorre anualmente, e a Semana de História que ocorre semestralmente, é uma promoção conjunta. Essas atividades de parceria têm sido regulares também nos eventos científicos promovidos.

Além disso, os docentes do PPGHIST permanecem ministrando regulamente disciplinas na graduação de História, Arqueologia, Letras e de Relações Internacionais. Algo muito importante é que três dos quatro membros do Núcleo Docente Estruturante são do corpo permanente do Programa.

Outra forma de interação tem sido os grupos de estudo criados no curso. Esta ferramenta contribui para que os egressos sejam melhor acompanhados. Possibilita, ainda, a publicação de trabalhos acadêmicos em conjunto. Segue-se a lista dos professores e núcleos em funcionamento. Atualmente são cinco, dedicados aos seguintes temas: estudos da teoria pós-colonial e a história da América; Estudos de História do Brasil; Estudos de História Antiga; Estudos e Pesquisas em História Medieval; Perspectivas do Pós-estruturalismo.

## **GRUPOS DE ESTUDOS**

- Núcleo de Estudos da Religião - Ivoni Reimer/ PUC GOIÁS (líder)

Tem por objetivo desenvolver os estudos interdisciplinares acerca das manifestações religiosas. Está locado no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Possui cerca de 40 participantes, todos pós-graduandos.

- Estudos em História Política – Profa. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

O grupo de estudo e pesquisa Estudos em História Política, a partir das premissas da história política “renovada” e acompanhada das representações socioculturais, visa agregar pesquisadores (docentes e discentes) das áreas de Relações Internacionais, História e outras áreas afins, que compartilham o interesse de pesquisar, estudar e problematizar as relações arquitetadas entre razão, imaginário, sensibilidades e paixões na tessitura do campo do político. Nessa perspectiva, o campo de pesquisa se alarga sobremaneira, abrindo para temas diversos e instigantes tais como: memória e esquecimento, mito e utopias, sentimentos e racionalidades, identidades e

subjetividades, narrativas históricas e ficcionais, público e privado, memória e esquecimento, movimentos sociais, democracia e autoritarismos, cidadania, dentre outros. Portanto, esse grupo de estudo e pesquisa estará voltado para a renovação historiográfica e pretende manter em suas pesquisas um caráter transdisciplinar para que se possa, por meio do diálogo com as outras áreas de conhecimento, compreender com mais propriedade a complexidade da política em suas várias representações. Nesse sentido, além de pretender ser um campo de discussões e produções teórica e metodológicas, o grupo abriga uma variedade de recortes temporais e espaciais contemplados pelos pesquisadores que o compõem.

- Grupo de Estudos em História Religiosa (GEHRE) – Prof. Eduardo Gusmão de Quadros

O grupo de estudos em História Religiosa constitui um espaço para o estudo e a pesquisa acerca da história dos movimentos religiosos bem como os enfoques de análise sobre o campo religioso, destacando-se a experiência religiosa pertinente ao espaço goiano e suas representações.

## **GRUPOS DE PESQUISA**

- Cultura, Poder e Representações (CNPQ)

O grupo se especializou na conservação de documentos, e trabalhos paleográficos. Consta da guarda de importante acervo de documentos do século XVIII, XIX e XX, além de levantamento de história de vida do Brasil Central. Interroga as matrizes teóricas do pensamento político e social, assim como as relações tecidas entre os conceitos, as representações e imaginário em suas mediações com o real.

Líderes: Eduardo José Reinato, Albertina Vicentini Assumpção

- Memória Social e subjetividade (CNPQ)

A relação entre memória social e subjetividade tem sido foco de muitas análises sociológicas. A emergência do tema das identidades dá novo fôlego a esse debate. No entanto, o papel de tal entidade biopsíquicosocial, bem como da cultura, na produção e

reprodução da consciência coletiva foi historicamente subestimada pela ideologia racionalista ocidental. O fundamento do eu solipsista, e da marginalidade da cultura na constituição identitária, contudo, não encontram respaldo nas práticas humanas que desafiam os ideais racionalistas produzindo um ambiente de diversidade cultural. Esse grupo de pesquisa visa fazer uma revisão epistemológica e empírica sobre a subjetividade e sua relação com a memória social, reavaliando a precedência ontológica entre razão e emoção em sua constituição a partir de uma abordagem transdisciplinar.

Líder: Thais Alves Marinho

- Grupo de Estudos Sertão, Fronteiras e Territorialidades (CNPQ)

O grupo tem como proposta privilegiar as categorias sertão, fronteiras e territorialidades como categorias transversais na pesquisa histórica, numa perspectiva de intersecção com outros campos de pesquisa como: literatura, geografia e ciências sociais. Delimita duas linhas de pesquisa: História, Gênero e Narrativas e Identidades, Fronteiras e Territorialidades.

Líder(es) do grupo: Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro ; Marina Haizenreder Ertzogue

- Grupo de Estudos e Pesquisa do Medievalo (CNPQ)

Vista discutir a história e a historiografia do mundo medieval, destacando a península ibérica. Possui cerca de 15 participantes regulares, incluindo graduandos. O grupo tem como proposta promover o intercâmbio de pesquisadores interessados em História Medieval em Goiás e no Brasil.

Líder(es) do grupo: Renata Cristina de Sousa Nascimento; Eduardo José Reinato

## **PROJETOS DE PESQUISA**

Os projetos de pesquisa do PPGHIST abordam diversas temáticas e dialogam com diversos campos do saber e com a graduação, com o propósito de viabilizar estudos históricos, historiográficos e arqueológicos. No primeiro caso eles ocorrem tanto no nível das microrrelações, quanto no nível das relações macro políticas. A proposta desses projetos é compreender as relações de poder e sua distribuição no interior da estrutura social, incluindo-se aí tanto os aspectos da praxis política efetiva quanto as concepções,

visões de mundo e reflexões político-filosóficas a ela associadas. Os projetos de arqueologia tem como propósito a compreensão das sociedades humanas em tempos pretéritos ou históricos a partir de estudos de culturas materiais, considerando as imaterialidades inerentes a elas.

Os projetos do PPGHIST, em sua maioria, buscam reforçar a produção do conhecimento regional.

<b>PODER E REPRESENTAÇÕES</b>	<b>IDENTIDADES, TRADIÇÕES E TERRITORIALIDADES</b>
MULHERES NOS CRISTIANISMOS ANTIGOS: TEXTOS, IMAGENS E INTERPRETAÇÕES	PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA PUC GOIÁS: EDUCANDO PARA UMA CULTURA DA PAZ
O REGIME PUNITIVO DO EDUCAR MONITORAMENTO DO SISTEMA BRASILEIRO DE SOCIOEDUCAÇÃO	PRÉ-HISTÓRIA DE PALESTINA DE GOIÁS
O TRATAMENTO MORAL DOS LOUCOS E A EDUCAÇÃO. PSIQUIATRIA E PEDAGOGIA NO NASCIMENTO DA NOSSA MODERNIDADE.	REDE GOIANA DE PESQUISA PERFORMANCES CULTURAIS MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA CULTURA EM GOIÁS
A EXPANSÃO PORTUGUESA E O DESASTRE DE TÂNGER (1437): A (RE) INVENÇÃO DA MEMÓRIA	REPENSANDO OS POVOAMENTOS NO PLANALTO CENTRAL DO BRASIL A PARTIR DA REGIÃO DE SERRANÓPOLIS
CULTURA E IMAGINÁRIO MEMÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS OS EX-VOTOS DE GOIÁS - TRINDADE E NIQUELÂNDIA	RUPTURAS E CONTINUIDADES: INTERVENÇÕES NO ESPAÇO CENTRAL DE GOIÂNIA (1970/2013)
ESTADO, PODER, POLITICA E IMAGINÁRIO: HISTORIA DAS REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS POLÍTICAS	SERTÃO E CERRADO
ESTUDOS EM HISTÓRIA POLÍTICA: ESTADO, REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS E PODER	PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DA REGIÃO SUDOESTE DE GOIÁS

PADRE, POLÍTICO, PROFESSOR: UM ESTUDO SOBRE AS MILITÂNCIAS DE CÔNEGO TRINDADE (1904-1962)	HISTÓRIA E SENSIBILIDADES: MULHERES EM NARRATIVAS
	SEGURANÇA HUMANA E FAMÍLIA: A LEI MENINO BERNARDO

Na linha de pesquisa Identidade, Tradição e Territorialidade, atualmente nomeada, Patrimônio Cultural e Território, temos projetos coordenados pela professora Dra. Sibeli Aparecida Viana que buscam resgatar o patrimônio arqueológico da região sudoeste de Goiás e entender a dinâmica ocupacional pré-histórica datada do período do Holoceno antigo e médio da região de Palestina e Serranópolis.

A professora Dra. Albertina Vicentini busca em um de seus projetos levantar o *continuum* editorial da produção de Hugo de Carvalho Ramos, em outro, busca, com a contribuição de uma Rede entre instituições de ensino superior, preservar a memória literária local por meio de coleta, arquivamento, reprodução via microfilme, *scanner* ou transcrição de texto, com reparação de edições. Em outro busca averiguar o surgimento do discurso de substituição entre os termos sertão e cerrado no Estado de Goiás.

A professora Dra. Deusa Maria busca em seus projetos perceber em que medida as ações oficiais de preservação de Goiânia retomam e reescrevem a história de suas localidades, seus traçados urbanos, suas edificações e suas paisagens.

A professora Maria do Espírito Santo Cavalcante Ribeiro busca relacionar sertão, fronteiras e territorialidades como categorias transversais na pesquisa histórica, numa perspectiva de intersecção com outros campos de pesquisa como: literatura, geografia, antropologia e ciências sociais. Também se propõe a explorar as experiências de mulheres do sertão do norte de Goiás e do Estado do Tocantins, entre diferentes temporalidades, desde o final do Séc. XIX até as primeiras décadas do Séc. XX. E ainda realiza um estudo histórico e ambiental das cidades e rios em Goiás, por meio de uma equipe interdisciplinar com a participação de pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas e sociais, por meio da REDE GOIANA DE PESQUISA RIOS E CIDADES NA HISTÓRIA DO BRASIL.

A professora Dra. Thais Alves Marinho em parceria com o Observatório de Economia Criativa de Goiás da Universidade Federal de Goiás, vinculado ao Ministério da Cultura realizou um levantamento sobre a economia criativa e solidária em Goiás. Em outro projeto busca conhecer as experiências de discriminação pelas quais os estudantes universitários da PUC Goiás passam, e como reagem a estas experiências, no contexto da Instituição. Em outro projeto de caráter extensionista busca conhecer a história das ações educativas empreendidas por pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes da região Leste de Goiânia, visando compreender como se processa no âmbito psicológico e sociológico desses agentes a educação parental. Seus interesses de pesquisa têm se voltado para as relações entre subjetividade e consumo na sociedade contemporânea e como elas historicamente têm sido interpretadas.

Na linha de pesquisa Poder e Representações a professora Dra. Renata Cristina Nascimento realiza a construção narrativa do Desastre de Tânger (1437) e sua rememoração, ou seja, a relação entre o tempo vivido e seu redimensionamento discursivo, acrescido pelo viés de santidade atribuída a um de seus protagonistas, o Infante D. Fernando, em outro projeto utiliza as narrativas como uma fonte riquíssima para a compreensão do imaginário ocidental.

O professor Dr. Eduardo Sugizaki, em seus projetos, investiga o caráter classista do criminalizar e do punir por meio da prisão para, supostamente, educar e socializar, em outro projeto, busca aprofundar o conhecimento do tratamento moral psiquiátrico, enquanto este é alcançado pela pedagogia e deriva, para esta, novas técnicas e práticas.

O professor Dr. Eduardo Quadros de Gusmão busca compreender as relações da Igreja Católica com os Governos, no que ficou conhecido por alguns autores de neo-cristandade entre 1930-1946. Também buscou analisar a atuação de CÔNEGO TRINDADE (1904-1962), um sacerdote intelectual, e, através dela, compreender os meandros do catolicismo em Goiás após a transferência da Capital.

A professora Dra. Maria Cristina Nunes busca pensar as relações tecidas entre história, imaginário, razão e sentimentos com o objetivo de ir além das explicações dadas pelas teorias políticas racionalizantes e homogeneizantes que desprezaram os afetos e marginalizaram as manifestações para o terreno do irracional, em outro projeto, busca, na mesma perspectiva, estudar e problematizar as relações arquitetadas entre razão, imaginário, sensibilidades e paixões na tessitura do campo do político.

A Professora Dra. Ivoni Richter Reimer realiza uma pesquisa da história de mulheres na Antiguidade a partir de inscrições e registros imagéticos em catacumbas e nas mais antigas igrejas em Roma, e também realiza uma pesquisa e análise de textos sagrados e de material epigráfico e iconográfico cristãos em seus aspectos sociohistóricos e hermenêutico-traditivos que permitem perceber, mapear e avaliar o lugar e o papel de mulheres em comunidades cristãs, especialmente nos séculos I-IV;

Esses projetos que estiveram em vigência no quadriênio 2013-2016, além de contarem com a participação dos alunos de mestrado do Programa, contaram ao longo do tempo com 47 alunos de graduação bolsistas e voluntários de iniciação científica. Foram 8 em 2013, 6 em 2014, 13 em 2015 e 20 em 2016. Percebe-se como o envolvimento com a graduação tem sido crescente ao longo do quadriênio. Os projetos possibilitam a integração entre a graduação e a Pós-Graduação. Os resultados das pesquisas são divulgados nos Seminários de Pesquisa em História, que ocorre anualmente na PUC Goiás. Na ocasião, além dos resultados das pesquisas, os discentes e docentes do Programa de Pós-Graduação em História oferecem mini-cursos e oficinas com vistas a preparar os alunos de graduação ao ambiente acadêmico da Pós-Graduação.

## **INTEGRAÇÃO COM A SOCIEDADE**

Pelo seu perfil valorizando a interdisciplinaridade do corpo docente e discente, o PPGHIST tem capacitado profissionais de diversas áreas, inclusive fora das Ciências Humanas.

Cada vez mais ocorre a preocupação de formar a partir das demandas sociais. Boa parte do corpo discente é formado por professores e essa atenção à superação da dicotomia ensino-pesquisa tem sido uma constante.

Desde 2015 foi implementado um estágio de modo formal, onde os alunos bolsistas trabalham ajudando os monitores da graduação e ministrando oficinas a partir de seus temas de investigação na disciplina Seminários da graduação em História. A experiência se revelou positiva e para a turma de 2016 o esforço foi otimizado gerando uma maior integração dos alunos bolsistas nas atividades regulares da graduação em História.

## **SOLIDARIEDADE, NUCLEAÇÃO E VISIBILIDADE**

A solidariedade tem sido desenvolvida através do apoio a eventos científicos em universidades e faculdades do interior do estado de Goiás ou estados circunvizinhos. As parcerias tem sido sempre buscadas, seguindo a característica importante do PPGHIST da inserção regional.

Os alunos egressos do PPGHIST tem, ainda, buscado o apoio para as publicações de faculdades e Universidades de menor porte, o que tem sido feito com constância.

## **REVISTA MOSAICO**

A revista Mosaico é um periódico do Programa de Pós-Graduação em História da PUC Goiás, criada em 2008. Enfatiza, na grande área das ciências humanas, os estudos históricos e culturais, de forma interdisciplinar, com a missão de divulgar a produção científica e estabelecer intercâmbio com outras instituições locais, nacionais e internacionais.

A proposta da revista é tentar formar um conjunto novo, ou, assumindo-se a pretensão, de redesenhar o quadro de uma historiografia aberta. Se propõe a ser um espaço amplo para a execução e demonstração de mosaicos historiográficos, no plural, já que há muito que a história deixou de ser pensada no singular e disciplinarmente. A Revista Mosaico, portanto, evoca o imperativo da interdisciplinariedade, visando uma História pluralista, no intuito de suprir a carência da História com H maiúsculo, da “história historicizante”.

A revista Mosaico, portanto, possibilita um campo para essa luta. Reúne a perspectiva histórica às noções englobantes de cultura e poder. Três conceitos indelimitáveis, ilocalizáveis, que beiram o indefinível. Por outro lado, interrelacionados em sua essência. Sempre que separados, o resultado obtido será um enfoque profundamente deficiente. Um está complementando o outro, remetendo para o outro sem perder sua especificidade. Daí a ideia de uma história mosaical. Se o saber histórico visa a apreensão do particular, do específico, ele só é construído quando os articula numa dimensão geral. Os historiadores, destarte, configuram quadros onde diversos vestígios devem ganhar sentido. A caracterização de uma época não é mais importante que a de qualquer evento.

Assim, a história mosaical encampada por esta revista se dá ao luxo de não optar por escolhas indiscerníveis. Rompendo com a lógica da exclusão, compreende que a riqueza do conjunto só existe na contribuição ressaltada de cada elemento. Esse exercício requer uma escuta do passado a partir do ponto de vista de pessoas comuns, requer envolver na construção da História processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias; requer utilizar metodologias empáticas aos grupos subjugados, marginalizados e periféricos que contrapõem e contradizem a “História (Memória) Oficial”, como a História Oral e a História de Vida.

Até 2016 a periodicidade da Revista foi semestral, a partir de 2017, passa a publicar em fluxo contínuo, em português, inglês e espanhol. Até o presente momento está indexada na plataforma [Latindex](#), [Diadorim](#), [Livre](#), [Base](#), [ErihPlus](#), [IBICT/SEER](#), [PKP/Index](#), [LatinRev](#) e possui Qualis B3.

O público alvo são: professores, pesquisadores e pós-graduandos. São aceitos para publicação textos inéditos e relevantes submetidos à avaliação do Conselho Editorial. Os documentos aceitos para publicação na revista são: artigos científicos, comunicações de pesquisas, resenhas e resumos de dissertações. A avaliação dos artigos é feita por pares, pelo método *Double Blind Review*, onde cada artigo é avaliado por dois pareceristas especialistas na área com elevada titulação acadêmica. Por este sistema, os arquivos são avaliados sem a identificação de autoria. A primeira etapa: consiste em uma avaliação preliminar do Editor Chefe em conjunto com um membro do Corpo Editorial Científico, sempre que o Editor Chefe julgar necessário, que analisa a adequação dos trabalhos segundo a linha editorial da Revista, sua adequação ao escopo, e aspectos como contribuição e ineditismo do texto. Somente os trabalhos considerados por editores e conselheiros como relevantes para a comunidade e, em particular, para os leitores do periódico, prosseguirão para as demais etapas de avaliação. Na segunda Etapa: os originais dos artigos são encaminhados para a apreciação de dois pareceristas integrantes do Corpo de avaliadores, conforme o sistema *blind review*. Os critérios para a avaliação dos artigos levam em conta relevância do tema, originalidade da contribuição nas áreas temáticas da Revista, clareza do texto, adequação da bibliografia, estruturação e desenvolvimento teórico, metodologia utilizada, conclusões e contribuição oferecida para o conhecimento da área.

### **Comissão Técnica**

Dra. Keila Matos, PUC Goiás, Brasil

Soleni Maria Teles, Brasil

Félix Pádua, PUC Goiás, Brasil

### **Conselho Editorial**

Dra. Brígida Manuela Pastor, Centro de Ciencias Humanas y Sociales Instituto de Lengua, Literatura y Antropología (ILLA), Espanha

Dra. Christina da Silva Roquette Lopreato, Universidade Federal de Uberlândia

Dr. Eduardo Reinato, Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Dr. Eric Boëda, Université Paris X – Nanterre

Dr. Fábio Vergara, Universidade Federal de Pelota

Dra. Mary Catherine Karasch, Professor Emerita Oakland University, EUA

Dra. Olinda Kleiman, Université Sorbonne Nouvelle, França

Dra. Renata Cristina Nascimento, UFG/UEG/ PUC Goiás

Dr. Ricardo de Aguiar Pacheco, PGH UFRPE, Brasil

Dra. Adriana Mocelim - Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Dra. Aline Dias da Silveira - Universidade Federal de Santa Catarina

Dra. Paula Pinto Costa - Universidade do Porto

Dr. Marcos André Torres de Souza - Universidade Federal do Rio de Janeiro

### **Editoras-Chefe**

Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (2008-2015)

Dra. Thais Alves Marinho (2016-atual)

### **Histórico de Publicação da Mosaico**

2008/1 - História Cultural em Perspectiva

2008/2 - História dos Rios no Brasil - Gercinair Silvério Gandara/UNIP/UFG; Leandro Mendes Rocha/UFG; Laurent Vidal/Paris III- Sorbonne Nouvelle/Université de La Rochelle

2009/1 - História e Espaço - Márcia Metran de Mello/UFG

2009/2 - História e Religião - Eduardo Quadros/PUC Goiás, Haroldo Reimer/UEG

2010/1 - História e Literatura: a partilha do sensível - Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida/PUC Goiás, Cléria Botelho da Costa (UnB) e Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante/PUC GOIÁS

2010/2 - História, Literatura e Fronteiras - Albertina Vicentini/PUC Goiás; Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante/PUC Goiás

2011/1 - História e Idade Média - Renata Cristina de Sousa Nascimento/PUC Goiás; Dirceu Marchini Neto/UFT

2011/2 - História Indígena no Brasil: diálogos interdisciplinares - Juciene Ricarte Apolinário/ UFCG

2012/1 - Gênero, cultura, identidades: experiências e narrativas - Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante/PUC Goiás; Maria Zeneide Magalhães Carneiro de Almeida/PUC Goiás; Diva do Couto Gontijo Muniz/UnB

2012/2 - Modernização e Religiosidade -

2013/1 - Cultura(s) e as Diásporas Africanas nas Américas -Dernival Venâncio Ramos/UFT, Marina Haizenreder Ertzogue/UFT

2013/2 - Práticas jurídicas, políticas e literárias - Renata Cristina de Sousa Nascimento/PUC Goiás, Ivoni Richter Reimer/PUC Goiás

2014/1 - Discurso religioso e seu referente

2014/2 - Aspectos do Império Português no Brasil - Fernando Lobo Lemes/UEG; Christiane Figueiredo Pagano de Mello/UFOP

2015/1 - História e da historiografia de Goiás - Eduardo Gusmão de Quadros/PUC Goiás; Fernando Lobo Lemes/UEG

2015/2 - Algumas reflexões: formar para pesquisar, pesquisar para formar no ensino de história - Carlos Augusto Lima Ferreira Universidade/UEFS

2016/1 - Resistência e Dominação nas Relações Sociais Contemporâneas - Luiz Felipe Cezar Mundim/UFRGS/ Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne; Rodrigo Oliveira de Araújo/UFF

2016/2 - Coleções, museus e patrimônios das culturas negras - Clovis Carvalho Britto/UFS

2017/1 - Dossiê Sobre Coisas e Trajetórias – Salete Nery/UFRB

2017/2 - Gênero e Negritude – Núbia Regina Moreira/UESB

2018/1 - Crenças e Representações Religiosas na Cultura Contemporânea – Ivoni Richter Reimer/PUC Goiás e Eliézer Cardoso de Oliveira/UEG

2018/2 -

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSART, Pierre. **La Gestion Des Passions Politiques**. Pratiques des sciences de l'homme. Lausanne, Paris. L'Âge d'homme. 1983.

ASHBY, R. O conceito de evidência histórica: exigências curriculares e concepções de alunos. In: BARCA, I. (Ed.). **Educação histórica e museus**. Braga: Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, 2003.

ASHBY, Rosalyn; LEE, Peter. Children's Concepts of Empathy and Understanding. In: PORTAL, C. (ed.) **The History Curriculum for Teachers**, Falmer Press, 1987.

BARCA, Isabel (Org). **I Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. 2000. Portugal Atas: Perspectivas em Educação Histórica. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2001b

BARCA, Isabel. Educação Histórica: Uma nova área de investigação. In: **Revista da Faculdade de Letras- HISTÓRIA**. Porto: III Série, vol.2, 2001a.

BARCA, Isabel. Em torno da Epistemologia da História. In: BARCA, Isabel; GAGO, Marília (orgs.) **Actas das 3ª Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Universidade do Minho. Braga, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Tradução: André Telles, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.

BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. **Varia hist.**, Belo Horizonte , v. 22, n. 36, p. 460-475, Dec. 2006 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752006000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752006000200012&lng=en&nrm=iso)>. access on 16 Apr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752006000200012>.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Classificação, desclassificação, reclassificação. Em NOGUEIRA, M. A. e CATANI, A. (orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2002

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRAUDEL, Fernando. **Civilisation matérielle et capitalisme**. Paris: Flammarion, 1967, p.95.

BRAUDEL, Fernando. **La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II**. Paris: Flammarion, 1966, p.107

BRAUDEL, Fernando. **On History**. Chicago: University of Chicago Press, 1980

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**. São Paulo: UNESP, 1991, p.50.

BUTLER, Judith. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, Sept. 2012. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302012000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000300004&lng=en&nrm=iso). access on 29 Sept. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302012000300004>.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? In: **Ensaio de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro; Rocco, 1986, p. 121-128.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova**, São Paulo, n. 70, p. 101-138. 2007.

FREYRE, G., **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record. 30ª ed. 1933

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo. Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio**. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

GOUBERT, Pierre. História Local. In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, 6, p.45-47, Jan/Jun 1992.

GUIMARÃES-Iosif, Ranilce. Contexto social e político da educação brasileira: entrelinhas de uma história de negligência e exclusão. In: **Educação, Pobreza e Desigualdade no Brasil - Impedimentos para a Cidadania Emancipada**. Brasília: Líber Livro, 2009

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. **La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours**. *Langages*. Paris, número 24, p. 93-106, 1971

LA BLACHE, Vidal de. **Tableau de la géographie de la France**. Paris : Éditions de la Table Ronde, 1903

LACOSTE, Yves. **La géographie, ça sert d'abord à faire la guerre**. Paris : Maspéro, 1976.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

LEE, Peter. “Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé”: Compreensão da vida no passado. In: BARCA, I. (Org). **Jornadas Internacionais de Educação Histórica**, II, 2001. Portugal. Atas: Educação Histórica e Museus. Portugal: Lusografe, 2003

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (Org). **Jornadas Internacionais de Educação Histórica**, I. 2000. Portugal Atas: Perspectivas em Educação Histórica. Portugal: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho: Lusografe, 2001.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. In: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan./abr. 2011.

MARINHO, Thais A. As nuances do Reconhecimento: entre a Omissão e o Respeito. In: FARIAS, Edson e Lipschitz, Javier. **A modernização na América Latina**. Brasília. Editora UnB, 2011.

NOGUEIRA, Antônio Gilberto R. **O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação**. Revista Antíteses: História e antropologias do patrimônio, Londrina: UEL, v. 7, n. 14, 2014.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1994

RÉMOND, René. Por que a história política? **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, volume 7, número 13, p. 7-19.1994.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Brasília: Senado Federal, 2006. (Edições do Senado Federal)

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ed. Nacional; Ed. Universidade de Brasília, 1982.

ROSANVALLON. Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010, 101p.

RÜSEN, Jörn. *DIDÁTICA DA HISTÓRIA*: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006

RÜSEN, Jörn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico: una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. Trad. Silvia Finocchio. Propuesta Educativa, Argentina, n 7. out. 1992. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A Formação da Consciência Histórica de**

**alunos e professores e o cotidiano em aulas de História.** IN: Cadernos Cedes, vol. 25, nº67, set./dez. 2005.

RÜSEN, Jörn. **História viva** - Teoria da história III: forma e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007b.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica** - Teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado** - Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: UnB, 2007a.

SANTOS, B.S. Uma concepção multicultural dos Direitos Humanos. **Lua Nova**, São Paulo, n. 29, p. 105-124, 1997.

SANTOS, B.S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. A Formação da Consciência Histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de História. IN: **Cadernos Cedes**, vol. 25, nº67, set./dez. 2005.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). **Jörn Rüsen e o Ensino de História.** Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SCHWARCZ, Lilia. Questão racial e etnicidade. In: MICELI, Sérgio. (org.), **O que ler na Ciência Social brasileira (1970-1995).** Vol. 1: Antropologia. São Paulo, Sumaré/Anpocs, 1999, pp. 267-326.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history.** New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, Maria da Conceição; MAGALHÃES, Sônia Maria de. **O ensino de história: aprendizagens, políticas públicas e materiais didáticos.** Editora da PUC Goiás, 2012.

SOUZA, Willian Eduardo Righini; CRIPPA, Giulia. **O Patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material-imaterial.** Em *Questão*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2011.

TAYLOR, Charles; et al. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento** (Trad. Marta Machado). Lisboa: Piaget, 1998.

WILLIAMS, R. **Cultura e sociedade.** São Paulo: Nacional, 1969.

ZANIRATO, S. H. Patrimônio para todos: promoção e difusão do uso público do patrimônio cultural na cidade histórica. **Patrimônio e Memória.** UNESP. Online, v.2, p.1 – 20. 2006